

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

VERA LÚCIA OLIVEIRA SILVA

**ECO-VIVÊNCIA E PROCESSOS EDUCATIVOS: A CONSTITUIÇÃO
INDIVÍDUO- NATUREZA NA COMUNIDADE DE ASSENTAMENTO
TERRA DA LIBERDADE**

JUAZEIRO-BA

2020



VERA LÚCIA OLIVEIRA SILVA

**ECO-VIVÊNCIA E PROCESSOS EDUCATIVOS: A CONSTITUIÇÃO
INDIVÍDUO- NATUREZA NA COMUNIDADE DE ASSENTAMENTO
TERRA DA LIBERDADE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus III, para obtenção do título de mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Educação, Comunicação e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. João José de Santana Borges

JUAZEIRO-BA

2020

O48e

Oliveira, Vera Lucia Oliveira Silva

Eco-vivência e Processos Educativos: A constituição indivíduo-natureza na Comunidade de Assentamento Terra da Liberdade / Vera Lucia Oliveira Silva Oliveira. Juazeiro-BA, 2020.
102 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. João José de Santana Borges Borges.

Membro da banca(a): Prof. Dr. Josemar da Silva Martins.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III.2020.

1. Percurso metodológico. 2. Eco-vivências e suas similaridades teóricas. 3. Paradigmas constituídas. 4. Da Resistência à Existências. 5. Processo Escolar-Educacional. I. Borges, João José de Santana. II. Martins, Josemar da Silva. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

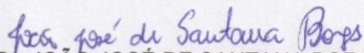
CDD: 371.334

FOLHA DE APROVAÇÃO

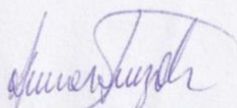
"ECO-VIVÊNCIA E PROCESSOS EDUCATIVOS: A CONSTITUIÇÃO INDIVÍDUO-NATUREZA NA COMUNIDADE DE ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE."

VERA LUCIA OLIVEIRA SILVA

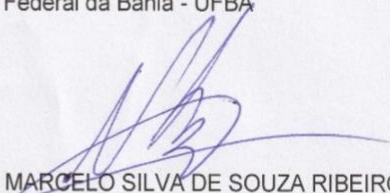
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 03 de março de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor Dr. JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Professor Dr. JOSEMAR DA SILVA MARTINS
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Professor Dr. MARCELO SILVA DE SOUZA RIBEIRO
Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
Doutorado em Ciências da Educação
Université du Québec à Montréal

Aos povos Assentados do Semiárido.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para Deus, fonte de todas às dádivas de minha vida, por Vossa presença que ilumina meu caminhar, inspirando, confortando-me, ajudando-me a atravessar cada deserto de minha alma. As demais pessoas que caminham comigo seguem em segundo plano, assim agradeço:

À Francisca de Oliveira Silva, minha mãe, Severino Emídio da Silva, meu pai, migrantes sertanejos, que, com todas as dificuldades por que passaram. Em especial minha mãe pelo cuidar e zelo, de não negar acesso à educação.

À minha filha Renata Caroline de Oliveira Silva, que soube suportar tantas de minhas peijas por cada construção de cada etapa desse processo.

Ao meu filho, Thiago Soares Oliveira, Rayana de Carvalho Granja, nora, que sempre me compreenderam e auxiliaram com palavras acolhedoras e de conforto.

À minha amiga Conceição Angelica dos Santos Ramos, por todos os momentos compartilhados nas leituras, nas idas juntas à universidade, pois cada acolhida sua me fez crescer e persistir, não desistir. Por entender e fazer parte da minha realidade profissional soube me ajudar nos desertos das pressões acadêmicas.

À turma de 2018 de mestrado com as diversidades sertanejas se completavam a cada momento nas partilhas de aprendizagem. Muitas emoções transparecidas ao longo do tempo.

À Universidade do Estado da Bahia, especialmente ao Programa de Pós-Graduação de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Aos/às docentes do PPGESA que com suas histórias, compromisso, determinação, em todas as acolhidas e trajetórias, são essenciais para o crescimento e construção da pesquisa. Foram/são importantes como inspirações João José de Santana Borges, por aceitar caminhar como orientador, por sua transparência e humildade, Josemar da Silva Martins e Luzineide Dourado por empresta seus conhecimentos para alicerce nesta pesquisa. Edmerson dos Santos Reis, por nos mostrar com sutileza as grandezas do que é ser sertanejo e estar no contexto do Semiárido. Scarlet, Elenice, Cleidinha sempre tão solícitas.

À Comunidade de Assentamento Terra da Liberdade, a cada participante da pesquisa, ao contexto em cada acolhida, em cada sorriso, em cada satisfação, contribuíram imensamente para que a pesquisa fosse construída.

Termino fortalecida por cada ensinamento, por cada afetividade, aprendi com os homens, mulheres, idosos, crianças, jovens, professores e professoras, sertanejos e sertanejas a ser resistente e ousar a construção de uma vida com mais dignidade. Gratidão a todos e todas os(as) envolvidos(as).

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo analisar as experiências de Convivência com o Semiárido tanto no contexto escolar quanto no entorno na perspectiva da Educação Contextualizada, em consonâncias com Ecologia Humana, na comunidade de Assentamento Terra da Liberdade, em Petrolina - PE. Nesse sentido, busca-se compreender como são constituídas as práticas educativas na relação aos processos de vida produtiva, elencando vivências diversas as quais nomeamos de **Eco-vivências**. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza etnográfica, mediante uma imersão na comunidade pesquisada por meio da observação participante, de entrevistas e de análise documental. A análise fundamenta-se na perspectiva da Educação Contextualizada para o Semiárido e da Ecologia Humana, estabelecendo as sinergias e transversalidades de **Eco-vivências** no Semiárido e na relação indivíduo-natureza, nas questões geográficas do território e suas territorialidades. Em seguida, orientadas pelas entrevistas narrativas, e apanhados registrados em documentos, promoveu um diálogo com outras pesquisas para o aprofundamento das informações encontradas e as imagens como registro dos dados, bem como a escrita descritiva como método de análises fornecendo suporte científico a investigação. Desta feita, todas as intervenções/mediações comunitárias geram produções que narram seu ecossistema. No caso do Assentamento Terra da Liberdade a Escola Municipal Terra da Liberdade, a horta orgânica comunitária, os quintais produtivos são as materialidades encontradas. Enquanto que as dinâmicas nos textos escritos pelas crianças, as práticas exercidas de reconstrução de professores em suas teorias, o espírito de lideranças dos assentados camponeses, os diálogos no espaço da horta por assentados, as místicas proferidas nas novenas e cultos, sistematizam as imaterialidades, estas foram evidências territoriais reunidas pela pesquisa que caracterizaram como são suas construções de vivências e convivências com o ecossistema em que se vive.

Palavras-chave: Eco-vivências. Ecologia Humana. Educação Contextualizada.

ABSTRACT

This research aims to analyze the experiences of Coexistence with Semiarid both in the school context and in the surroundings from the perspective of Contextualized Education, in accordance with Human Ecology, in the “Assentamento Terra da Liberdade” in Petrolina - PE. In this sense, we seek to understand how educational practices are constituted in relation to the processes of productive life, listing different experiences that we call Eco-experiences. The research is of a qualitative and ethnographic approach, through an immersion in the researched community through participant observation, interviews and documentary analysis. The analysis is based on the perspective of Contextualized Education for the Semiarid and of Human Ecology, establishing the synergies and Transversalities of Eco-experiences in the Semiarid and in the individual-nature relationship, in the geographical issues of the territory and its territorialities. Then, guided by narrative interviews, and documents, promoted a dialogue with other researches to the study the information and the images as data record, as well as descriptive writing as method of analysis providing scientific support to research. Then, all community interventions/mediations generate productions that narrate their ecosystem. In the case of the “Assentamento Terra da Liberdade”, the Terra da Liberdade Municipal School, the community organic vegetable garden, the productive backyards are the materials found. While in the texts written by the children, the practices of rebuilding teachers in their theories, the spirit of the leaders of the peasant settlers, the dialogues in the garden space, the mystics uttered in the “novenas” and cults, systematize the immateriality, these were territorial evidences gathered by the research that characterized how are their constructions of experiences and coexistence with the ecosystem in which they live.

Keywords: Eco-experiences. Human Ecology. Contextualized Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumo do percurso metodológico.....	21
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Horta comunitária do Assentamento Terra da Liberdade.....	62
Figura 2: Cultivos da horta orgânico-comunitária do Assentamento.....	68
Figura 3: Produção da aluna Flor de Liz.....	89
Figura 4: Produção da aluna Flor das laranjeiras.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CAR	CADASTRO AMBIENTAL RURAL
INCRA	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
PNAE	PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
UNIVASF	UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PERCURSO METODOLÓGICO	19
1.1 O DIAGNÓSTICO	22
1.2 COLETA DE DADOS	23
1.3 A ANÁLISE DOS DADOS E A SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	27
2 AS ECO-VIVÊNCIAS E SUAS SIMILARIDADES TEÓRICAS	30
2.1 ECOLOGIA HUMANA E COMUNIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE ECO-VIVÊNCIAS	35
3 DOS PARADIGMAS CONSTITUÍDOS À DEFINIÇÃO DAS ECO-VIVÊNCIAS	40
4 DA RESISTÊNCIA À EXISTÊNCIA: AS ECO-VIVÊNCIAS DOS ASSENTADOS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.	54
4.1 MEMÓRIA IDENTIDADE E HISTÓRIAS	56
4.1.2 Títulos provisórios e definitivos sobre a propriedade da terra	57
4.2 UM OLHAR PANORÂMICO PELA PAISAGEM DO ASSENTAMENTO	60
4.3 A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO A PARTIR DA HORTA ORGÂNICA, DOS QUINTAIS PRODUTIVOS E DAS MÍSTICAS	66
4.3.1 Itinerários de Eco-vivências constituintes da Horta Comunitária do Assentamento	66
4.3.2 Os quintais produtivos: Um caminho de agroecologia nas Convivências sertanejas.	70
4.3.3 As místicas dos camponeses assentados	72
5 O PROCESSO ESCOLAR-EDUCACIONAL NO ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE: DA ESCOLA COMO DIREITO ÀS PRÁTICAS DE ECO-VIVÊNCIAS ...	75
5.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE	84
5.1.1 Eco-vivências de uma aprendizagem significativa: histórias vivenciadas entre linguagens e escritas	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	98

INTRODUÇÃO

A educação contextualizada, um conjunto de práticas que transcendem os limites da pedagogia moderna, é tracejada de caminhos que afirmam perspectiva de uma proposta de educação que evidencia um projeto social, que questiona o modelo colonial imposto, delimita sua complexidade e potencialidades no local em ajustes com o global. Nessa perspectiva, pontua que “De qualquer modo contextualizar (e descolonizar, portanto) deverá ser um trabalho de reconstruir visibilidades e dizibilidades instituídas, e de permitir que os “Outros”, excluídos da “narrativa hegemônica”, recuperem sua palavra e tornem pertinentes suas questões” (MARTINS, 2006, p. 54)

Assim, o autor citado acima traz em suas reflexões que as construções de questões pertinentes que emergem com características de convivência com o Semiárido não são apenas processos que ocorrem em uma determinada região ou mesmo de lugar, mas sim de legitimar as lutas por reconhecimento que os sujeitos já resistem e, nos movimentos de assentados camponeses, é um romper com velhos paradigmas indo para a construção de novas convivências.

Nesse sentido, dizemos que a construção do saber significativo implica não apenas os elementos como à cultura, à linguagem, às formas de comunicação humanas e aos tratados que regem esses signos, mas também, aspectos físicos naturais, os múltiplos processos sociais, tecnológicos, econômicos e culturais que se confundem e ocorrem ao mesmo tempo. Desta feita, entendemos isso como uma ecologia entrelaçada de realidade, na qual envolve as condições humanas, a convivência com o meio com a totalidade.

Numa perspectiva que nasce diante das incertezas e inacabamentos que o indivíduo se ver envolvido, ao lapidar um pensamento de mudanças transparece assim, um desenvolvimento alternativo pertinente, que passa por valores éticos, outros valores sociais que sem os quais a vida humana não tem condições de constituições sustentáveis e nessas relações de construções rege um legitimar de lutas, de histórias que condicionam a consciência de entendimento de uma situação que transitam em processos de uma contextualização de educação.

Dessa forma, educar tem relevância quando validamos significados, para sentir e dar sentidos, de que somos parte de uma totalidade, e de individualidades, e que estamos em constantes construções e reconstruções.

Diante dessa questão, Freire (1996, p.55) aborda que: “Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”.

O inacabamento, segundo Freire, está no pensar sobre a própria existência enquanto ser humano e é em meio ao inacabamento e dos processos de incertezas, complexidades, e ambiguidades é que as ressignificações que nascem íntima e naturalmente do ser, transparecem na história de sertanejos e sertanejas e manifestam-se propostas de contextualização de saberes que emergem pelas necessidades de território, que são construídos da teoria à prática. Santos (1988, p. 15) complementa as ideias de Freire ao pontuar que “é esta a ambiguidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo que o habita”.

Como define Santos (1988), a evolução da humanidade se confirma num tempo instável com processos de crescimento instantâneos muito além da condição disponível das realidades existentes e ao mesmo tempo um descompasso preocupante em meios a paradoxos conflitantes: em que os projetos de vida que tenham estabilidade na produção da existência, é de acordo com os interesses de quem desenvolve. Dessa forma, os processos cada vez mais se avolumam de um crescimento desmedido, desenfreado, num sistema capitalista em que ter e poder são essenciais para celebração de bem-sucedido.

Numa sociedade de muitas informações, a era da população conectada, por assim dizer, novas formas de relações sociais; novas formas de relações econômicas, culturais, políticas, já são reais, os processos de globalização, facilitados pelo avanço científico-tecnológico, mas também, ao mesmo tempo de muitos processos antagônicos que são inferidos por uma humanidade constituída de individualidades coletivas, pelas novas lógicas de racionalidade que se tecem nas relações existenciais em que, cada vez mais sinais de muitas incertezas de equilíbrio entre indivíduo-natureza se definem, em assustadores desequilíbrios.

Assim, uma realidade social que se concretiza de muitos crescimentos, mas de limites nos recursos naturais, em que desordens irreversíveis, postas em situações existenciais são contextualizadas por todos os lugares e em todo o planeta Terra.

Ao trazermos um pouco do analítico da atualidade para nossas questões de complexas realidades, é visto como um tempo das ações instantâneas, nas comunicações, nas associações, nas histórias individuais e coletivas.

Um tempo de apostas em repensar como conviver na sociedade da modernidade e construir processos que promova alternativas ao desenvolvimento.

Ao refletir essas condições que geram a produção da existência, no pensar os movimentos céleres da sociedade contemporânea, de como acontece os processos de existência e na prática enquanto professora é que surgem inquietações: de que forma vem sendo constituídas práticas educativas, processos de vida produtiva, que elencam questões diversas as quais nomeamos de **Eco-vivências**, na Comunidade de Assentamento Terra da Liberdade?

Os assentados camponeses homens e mulheres do Semiárido Brasileiro se constituem uma plasticidade de povos os quais compõem as suas diversas paisagens, revelando nelas suas territorialidades conforme as particularidades e especificidades que marcam esse território.

Nesta pesquisa, analiso as vivências das gentes que habitam as diferentes paisagens na então comunidade de Assentamento Terra da Liberdade.

Essas vivências consideradas tantas vezes comuns na produção da vida, mas que dão força formadora nas construções de convivência com o Semiárido, e adentram nos programas, e práticas que proporcionam aos sujeitos se reconhecerem no/do mundo apostando sentidos as novas interpretações de viver.

Um conjunto de conceitos elaborado nas formas diferentes de produzir, distribuir, estabelecer relações sociais e organizativas de vivências ao desenvolvimento que na atualidade domina.

A uma ecologia de saberes que se fundamenta em métodos, técnicas, razão, crenças que é construída nas trocas variadas de experiências culturais, que ora é individual, ora coletivamente.

Numa construção de consciência de conhecimento que pertence e se anunciam ao contexto do Semiárido de forma subdividida popular, científica, de gentes que investigam, se recriam nas racionalidades de interpretações a uma ação conjunta de humanização nas quais estão atuando e que denominamos de **Eco-vivências**.

O referido assentamento está situado às margens da rodovia BR 407, km 111, a 20 km de Petrolina-PE, se constitui numa comunidade de beneficiados do Projeto

da Reforma Agrária tendo como amparo a Constituição, promulgada a “lei da Reforma Agrária” (Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993).

Para responder à questão da pesquisa elencamos como objetivo geral: Analisar as experiências de “Convivência com Semiárido” tanto no contexto escolar quanto no entorno na perspectiva da Educação Contextualizada, em consonâncias com Ecologia Humana, na comunidade de Assentamento Terra da Liberdade.

Como objetivos específicos: visualizar a construção de conceitos e percepções baseados nos paradigmas e vivências por meio de sinergias entre Educação Contextualizada e Ecologia Humana; identificar as interfaces perceptivas nas interações indivíduo-natureza na construção dos processos indentity territoriais sertanejos, no espaço escolar e entorno, pelos(as) alunos(as), professores(as) de homens e mulheres da comunidade na perspectiva da ecologia no contexto Semiárido; investigar o contexto de vivência de Assentados da Reforma Agrária, em cada movimento que se apropriaram para conquistarem a terra, água, a escola, a ressignificação nos novos paradigmas de buscar os direitos pelas políticas públicas que assegurem aos mesmos a oficialização de direitos a concessão da terra que habitam; e por fim, descrever os percursos formativos dos educadores unindo currículo e processos pautados nas potencialidades e limitações ecopedagógicas das relações escola-semiáridos. Nessa perspectiva, essa pesquisa está organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo é abordada a metodologia adotada, onde é descrito a abordagem, instrumentos utilizados na coleta de dados e análise dos dados. Cabe destacar aqui que o percurso metodológico parte dos pressupostos defendidos por Carvalho (2012). Na sua tese de doutorado, *Natureza, Território e Convivência Novas Territorialidades no Semiárido Brasileiro*, ao explicar a ideia de um panorama de diferentes sentidos e apropriações de território e da natureza semiárida, a autora descreve práticas que envolvem mecanismos no contexto do Semiárido, que são as mudanças de paradigmas numa constituição de outra/nova produção de existência que traz uma pauta de respeito ambiental e no uso de construções que se manifestam como **Eco-vivências** dessa natureza, permitindo aos sertanejos e sertanejas de forma individual ou coletivamente de “ser-no-ser” no Semiárido Brasileiro, nas suas territorialidades, dizibilidades e visibilidades, reconhecendo tanto à vida objetiva como subjetiva dessas gentes.

Entendemos que os assentados camponeses que convivem no contexto do Assentamento Terra da Liberdade, envolvidos nesta investigação fazem parte dessa realidade e lócus da constelação dessas projeções.

Para compreender que somente oportunizando uma reflexão entre os participantes da pesquisa que são os que moram no assentamento e aos que convivem é que analisamos e construímos uma visão acerca, um conceito da convivência com o Semiárido que são postas em evidência no território e suas territorialidades. Para conhecer esse novo projeto de ressignificação da vida no Semiárido foi necessário buscar elementos metodológicos da pesquisa de observação participante, de abordagem etnográfica sendo assim, uma pesquisa qualitativa de método observação-participante.

Um campo fértil e eficiente para o campo da pesquisa, o então método facilita a pesquisadora a observação e a descrição da construção das práticas de Convivência com o Semiárido por permitir a sua participação e convivência na vida cotidiana dos assentados, e assim maior inserção da coleta de dados dessas gentes, do território, das territorialidades, das subjetividades.

O segundo capítulo aborda os olhares contextualizados que se estabelecem com o Semiárido na visão de autores como Martins (2006), Reis (2004), (2019) e Carvalho (2012), (2014). Esses autores partem da concepção de convivência humana pautada nas questões de ocupar-se da natureza de forma respeitosa e precisa, preocupando-se com o futuro da Terra e da vida. Esta condição de processos de convivência humana permite um diálogo entre as ciências de Convivência com o Semiárido e a então ecologia humana que emerge novas formas de construir conhecimento.

Traremos ainda a concepção de Guattari (1992), Marques (2014, 2015), Leff (2016), Gadotti (2000), Boff (2012), Capra (1996), além de Contel e Pontel (2013), Acosta (2011), para alicerçar a interpretação da ecologia como uma ciência que estuda as relações humanas, individuais e coletivas. “A ecologia humana é uma ecologia que coloca gente nos ecossistemas, e estuda suas relações e consequências”. (MARQUES, 2014, p.14).

Nessa perspectiva, este capítulo trata da produção de existências que nasce nas suas resistências e que denominamos de “**As Eco-vivências**” e suas similaridades.

O terceiro capítulo intitulado “Dos paradigmas às vivências” visa responder ao primeiro objetivo específico, portanto trata das construções do conceito de **Eco-vivências**, a elucidação do conceito e a partir de várias percepções, como observadora-participante, a presença da pesquisadora em campo traz para o conceito às evidências relevantes que se constituem na prática produtiva dos participantes da pesquisa, às convivências pelas práticas de plantio nas produções orgânicas, nas práticas educativas concebidas pelos professores e alunos. Nas percepções das crianças, homens e mulheres com o território e suas territorialidades, nas materialidades, imaterialidades, nas suas subjetividades que marcam nas suas trajetórias de assentados camponeses no local com o global.

O quarto capítulo aponta os processos pelos quais a comunidade de camponeses assentados percorreu para que pudessem ser respeitados e atendidos como suas lutas de conquista da terra, ainda com uma única escola na região que ainda não atende a todas as necessidades da população, a mesma nos paradigmas de uma escola concebida no urbano.

Sendo os processos educativos contemplados (Educação Infantil-Fundamental I), ainda como necessidade da comunidade a continuação de que possa ser contemplado o ensino Fundamental II. Uma escola em que os profissionais são formados com currículos que não propicia a contextualização dos processos da Educação do Campo, demonstra o contexto de vivência de Assentados da Reforma Agrária, em cada movimento que se apropriaram para conquistarem a terra, a água, a escola, a ressignificação nos novos paradigmas de buscar os direitos pelas políticas públicas que assegurem aos mesmos a oficialização de direitos a concessão da terra que habitam.

O quinto capítulo busca descrever os percursos formativos dos educadores, unindo currículo e processos pautados nas potencialidades e limitações ecopedagógicas das relações escola-semiárido nas construções de ensinar-aprender em que algumas condições de características são vista e ouvidas das experiências como ser educador numa escola do/no campo.

Por fim, as considerações finais trazem uma reflexão que não termina no fechamento da dissertação, mas a cada reinício de ressignificação, seja na prática constituída pelas gentes assentadas camponesas em suas práticas de reiteração nos elementos identitários sertanejos, seja nas construções dos profissionais de

educação no campo, educadores e educadoras, nas pelejas de ser e de estar no Semiárido.

Assim, apresentamos esta pesquisa no anseio de que possa, pela percepção do olhar às questões de convivência com o Semiárido, na proposta da Educação Contextualizada para o Semiárido e em consonâncias com a Ecologia Humana, contribuir para novas reflexões e possíveis temáticas que possibilitem revelar novas territorialidades, nova visão de ser e estar no Semiárido, recuperando suas narrativas numa proposta de protagonistas de suas identidades de homens e mulheres nos seus saberes ecológicos um melhor bem viver no contexto do Semiárido Brasileiro.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo visa descrever os processos que concebem a metodologia deste estudo. Partindo dos pressupostos de que “as narrativas e depoimentos dos militantes ou as místicas, músicas, análises explicitam que a produção de vida nos campos, nas fábricas, na diversidade de formas de trabalho produz um mundo cultural, simbólico, ético, identitário, humano” (ARROYO, 2012, p. 8), é que decidimos ir à busca de processos elaborados ou em fins da resignificação a partir de experiências contidas na escola, nas lutas, nas conquistas da terra, e demais melhorias na vida, nas místicas e nas lidas de camponeses assentados do processo da Reforma Agrária que podem ser configurados como **Eco-vivências**.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois a mesma compreende uma pluralidade de assuntos e questões tanto do ponto de vista teórico-epistemológico quanto da realidade analisada. (NASSER, 2014). A pesquisa qualitativa, ao mesmo tempo em que pressupõe um conjunto de técnicas, para dar-se conta da multiplicidade de elementos que cercam o objeto pesquisado: as **Eco-vivências** constituídas na comunidade de assentamento da reforma agrária.

Entendemos que a pesquisa qualitativa pressupõe pilares que transportam as relevâncias que dialogam entre o social e as realidades vividas pelos sujeitos. Ela é a que melhor contextualiza as informações em um paralelo em que se operam e endossam as semelhanças das realidades objetivadas no lugar de pesquisa. Assim, dar-se-á a conhecer e analisar as representações e práticas organizacionais de forma mais convincente possível.

A pesquisa também se constitui de natureza etnográfica, uma vez que houve uma imersão nossa na comunidade, seja a partir da observação participante seja por meio das entrevistas e análise daquilo que foi observado e sistematizado.

Em que medida se pode dizer que um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação? em primeiro lugar quando ele faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista e a análise de documentos.(ANDRÉ, 2013, p. 28).

Nessa perspectiva, de uma pesquisa etnográfica em educação, utilizamos dos três instrumentos (observação, entrevista e análise de documentos), em todos os

espaços da comunidade de assentamento da reforma agrária, o qual se constituiu no nosso *lócus* de investigação.

Nesse sentido, o nosso *Lócus* de pesquisa foi estabelecido na comunidade do Assentamento Terra da Liberdade. O referido assentamento está situado às margens da rodovia BR 407, km 111, a 20 km de Petrolina-PE, se constitui numa comunidade de beneficiados do Projeto da Reforma Agrária tendo como amparo a Constituição, promulgada a “lei da Reforma Agrária” (Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993).

O percurso metodológico foi organizado em três etapas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Resumo do percurso metodológico¹

	ETAPA	ATIVIDADE
01	Diagnóstico	Conversas informais na escola e espaço da horta.
02	Coleta de dados	Observação participante e entrevistas semi estruturadas, visita ao Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária (INCRA) e análise documental.
03	Análise dos resultados, isto é, das experiências de “Convivência com Semiárido” tanto no contexto escolar quanto no entorno na perspectiva da Educação Contextualizada, em consonâncias com Ecologia Humana.	Sistematização dos dados advindos da Observação participante; entrevistas semi estruturadas e análise documental com revisão bibliográfica.

Fonte: Informações da autora 2019

¹ O percurso foi adaptado da dissertação intitulada “O ecossistema comunicativo da comunidade do Rodeadouro em Juazeiro-BA”, da autora Isabela Esteves Gomes.

Consideramos que a presente pesquisa, de abordagem qualitativa, evidencia nos mecanismos e aportes as formas que transparecem na condição mais natural e objetiva possível é que trazemos nas suas completudes para esta escrita.

No fecundar das construções da pesquisa é que entendemos que, para melhor dialogar a exposição das ideias, dos fatos, das inferências é que usamos como suporte para transcrever e descrever os processos, na seguinte ideia diz, “a pesquisa qualitativa abrange uma pluralidade de pontos de vista epistemológico e teóricos e pressupõe uma grande variedade de técnica, sem contar a própria multiplicidade dos objetos pesquisados” (NASSER, 2014, p.32).

A abordagem de método observador-participante, de natureza etnográfica, foi escolhido por apresentar suportes que melhor conduz um resultado da então pesquisa. “Em que medida se pode dizer que um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação? em primeiro lugar quando ele faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos”.(ANDRÉ, 2013, p. 28), por assim dizer, na técnica observante participativa, sendo por meio de entrevistas, em análises de documentos, na participação de eventualidades, e de eventos que são construídas no local da pesquisa.

O lócus da pesquisa é parte dos assentamentos que são conquistas da terra que se integram nas mudanças de paradigmas que são processos construídos nos chamados Novos Movimentos Sociais pela terra, conhecido como Assentamento Terra da Liberdade. Por uma localidade que se materializa nos processos da Reforma Agrária, trazem nas suas narrativas empíricas nas convivências e nas vivências com o Semiárido, as semelhanças da realidade que são transmitidas ao observar e participar das histórias e vivências dos/das participantes da pesquisa, das suas imagens, de suas falas, de suas identidades, do lugar, na reflexão.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas.
(BECKER, 1994, p.47).

A pesquisa traz como ponto de encontro e de princípio para diagnóstico das **Eco-vivências**, a única escola da comunidade: Escola Municipal Terra da Liberdade, por entendemos que esse departamento tem sua parcela de compromisso com a

teia da vida e para a vida em equilíbrio numa busca por vivências significativas nas narrativas desenvolvidas.

Além de ponto de encontro para diagnóstico, investigamos como a referida instituição tem contribuído para que, de fato, este equilíbrio possa apresentar-se, no contexto local, com a inter-relação com o global.

O necessário equilíbrio indivíduo-natureza na existência do ser humano, nas suas práticas educativas, suas possibilidades e impossibilidades, que são constituídos desde a proposta oferecida pelas políticas públicas municipais como direito à educação de qualidade, aos processos como são desenvolvidos os currículos, a forma instrucional da escola, nas linhas e entrelinhas do espaço escolar, aos processos formativos dos educadores que são envolvidos nestas tramas, as formas de contratação dos mesmos, de que maneira é construído os paradigmas das práticas educativas inferidas nesse contexto na condição de promotor de educação.

Ainda na investigação do espaço educacional formal, e fazendo um recorte da instituição escolar de ensino básico, buscamos compreender como a mesma tem aferido seus processos educativos em busca desse equilíbrio, quais as práticas que refletem a recontextualização, por meio da produção dos saberes que são interpretados de acordo do local em consonâncias com o global, as perspectivas de escola no/do campo com suas pluralidades e singularidades, quais ações protagonistas de educador e educando podem ser consideradas e interpretadas nas práticas desenvolvidas de estarem na perspectiva de construções sustentáveis para o contexto local nas vivências.

1.1 O DIAGNÓSTICO

A escola, enquanto instituição social, integra o indivíduo a sociedade fortalecendo os interesses coletivos em detrimento dos individuais.

Nessa perspectiva, a primeira etapa consistiu num diagnóstico sobre as **Eco vivências**, tal diagnóstico se deu por meio de conversas informais na escola com alunos, gestão, coordenação, professores que são moradores e outros que se deslocam da cidade para trabalhar na então comunidade.

Os alunos ao serem indagados das suas então realidades, revelaram nas narrativas que as famílias dos mesmos se fazem presentes como trabalhadores camponeses ao cuidar e zelar da terra, de plantações, alguns do cuidar de animais, como galinhas, ovelhas, porcos, bodes, porcos e bois. Nesses momentos, ficaram perceptíveis as interligações, dos envolvidos, com a horta comunitária orgânica e os quintais produtivos da comunidade.

Percebemos, também, nas narrativas que espaços como a horta, bem como os quintais produtivos são locais que determinam como sendo fonte de renda, mas também são lugares de respeito à natureza e saúde coletiva.

Com base nesses depoimentos, foi que partimos para as observações nos espaços citados nas narrativas.

1.2 COLETA DE DADOS

Na intenção de identificar registros para construção da pesquisa, despertamos, como pesquisadora, para os pensamentos, palavras, ações que se narram na cosmologia do território, nas territorialidades, nas subjetividades nas quais se infundem e se complementam nas idas e vindas.

Deixando as marcas de existências para a construção de histórias e memórias que dialogam nas convivências dos assentados do Assentamento Terra da Liberdade no contexto do Semiárido.

Dessa forma, a coleta de dados não foi apenas registros pormenorizados, pois a metodologia de natureza etnográfica, segundo André (2013. p.45), requer muito mais, isto é, “deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica”.

Dessa feita, registramos, por meio da observação, as subjetividades dos (as) participantes da pesquisa, suas ontologias do “ser”, mostrando suas intencionalidades com as questões locais e globais que os envolvem as questões sociais.

Nas observações, o diário foi um suporte valioso para as anotações do que ouvíamos dos envolvidos na pesquisa, os quais participaram de forma natural e espontânea. Os registros também ocorreram por meio de fotos e gravações de vídeos para que pudéssemos ter apropriação nas mais similares constatações das

vivências nas representações e significados contemplados no território do assentamento.

Em seguida, com a intencionalidade de coletar dados inerentes aos significados culturais dos(as) participantes da pesquisa estudados, com base em sua ótica e em seu universo referenciado, que é o contexto do assentamento, partimos para utilização das entrevistas os participantes dos quais entrevistamos, professores quatro, assentados cinco, dois alunos, pais três. Além da observação e entrevistas, realizamos uma visita à sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Seguindo esta lógica da pesquisa, o primeiro passo trilhado para coleta dos dados foi conhecer os espaços citados nas conversas informais: a escola, a horta orgânica comunitária, os quintais produtivos e, por fim, uma visita a igreja católica no período da novena e uma visita ao INCRA.

Na escola, cujo nome é Escola Municipal Terra da Liberdade, observamos alguns pontos da realidade escolar referente à parte física, suas dimensões e o contexto da demanda, horários de funcionamento, bem como o acesso aos documentos escolares, a exemplo do Projeto Político Pedagógico. Ainda no espaço da escola, falamos com alguns professores, e alguns dos demais profissionais que, nas suas atribuições diferenciadas, coordenador, gestão, pessoal da limpeza e merenda.

Na horta a apresentação se deu por intermédio de um professora e o quintal produtivo por dois alunos. Nesses espaços, ouvimos os diálogos dos (as) sertanejos (as) os(as) quais estavam na lida, eles(as) detalharam com simplicidade os passos que seguem ao cuidar da terra, os processos que seguiram ao longo de trajetórias para alcançar à realidade da qual estão inseridos, deixando transparecer significativas vivências constituídas desde quando iniciaram na conquista do território até a projeção de suas lidas nos dias atuais como agricultores.

Uma política de forma informal de que cuidar é preciso, ficou evidente nos diálogos ao apresentarem algumas minúcias do saber cuidar e nos discursos enfatizam que nas suas convivências, suas pertinências com seu contexto e lidar de forma respeitosa uns com os outros e com meio ambiente é parte imprescindível para que às relações coletivas possam constituir conexões de aprendizagem, de confiança, pois ficou visível o acolhimento entre os mesmos e com quem vem ao contexto, eles unificam uma política de sensibilização, que está no olhar, nos

sorrisos, na humildade e satisfação de apresentar suas histórias de como é a convivência com o semiárido naquele contexto.

No compartilhar de ser e estar de suas realidades, de suas pertenças, os assentados camponeses em suas interpretações deixam transparecer que, para se constituir significativas vivências, é preciso respeitar, valorizar, preservar nas mais diversas condições existenciais entre um todo ou as partes que os representam.

São partes essenciais e significativas dessa comunidade, que se espelham pelas suas práticas em que os mesmos decifram a necessidade de fazer valer suas ações por serem parte de um todo contexto, desta feita, se promulga relevante interação com a complexidade social do momento

Assim, elucidam o pensamento sistêmico de Capra um dos defensores e estudioso da então ideia de compreensão de um complexo sistema que se subdividem em partes, que são essenciais nas suas diferenciações para um todo. Ao teorizar sobre o assunto, Capra (1995, p.31) aponta que: “de acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes”.

Percebe-se que os assentados se encontram em constantes vivências de lutas desafiadoras na perspectiva de base ecológica, por entenderem que é uma condição de vida com saúde para quem consumir desses produtos e para a solidez de existência das gerações futuras, que muito possivelmente venha a habitar no então contexto. Dessa forma, a então comunidade de assentados camponeses se encontra em paradigmas de mudanças nas suas percepções e pensamentos para a sobrevivência dos mesmos que se complementam numa constituição de práticas que validam a preservação, a valorização do ambiente, de suas pegadas resistentes, na condição de homens e mulheres com direitos adquiridos ao território que habitam.

A observação também aconteceu na novena, no espaço da igreja católica em uma das visitas no período do novenário para observar de que forma são concebidos os processos de algumas das místicas. A novena na igreja, que se define a comunidade católica do assentamento, é representada pelos fiéis que pertencem numa ramificação da Paróquia São João Batista. Acompanhamos as místicas de rezas, que se deram no período de 23 de abril a 01 de maio, em que são nove noites de místicas constituídas em devoção ao Santo conhecido das causas

impossíveis: Santo Expedito. Dentre vários dias seguidos da novena, observamos sempre um compromisso de vivenciar suas existências numa conexão com o sobrenatural. Ainda, no último dia, aconteceu uma procissão, a qual foi percorrida por todos os espaços da comunidade, retornando para a igreja onde terminou com a celebração de uma missa. Processos que acompanhamos na observação participante.

Como suporte para validação dos processos de território do assentamento, solicitamos do INCRA registros documentais que pudessem auxiliar na constituição das informações, que ainda se constituía pela oralidade dos assentados em cada visita que se realizava ao assentamento.

E dessa feita, visitamos o órgão, que liberou algumas informações a partir da oralidade de funcionários responsáveis pelo setor, com vistas em documentos arquivados da origem dos assentamentos e em particular do Assentamento Terra da Liberdade. Ainda como subsídio que construísse as memórias dos homens e mulheres sertanejos/as, ainda utilizamos pesquisa nos meios das redes sociais para que pudéssemos assim transparecer a realidade de cada etapa dos então envolvidos no processo da pesquisa com matérias que fluísse como auxílio de significados.

As entrevistas elaboradas para utilização nesta pesquisa foram semiestruturadas de uma abordagem mais informal, subjetiva e de maneira coletiva, Já as entrevistas estruturadas (questionários), individuais e aplicadas no próprio contexto da escola, na horta orgânica, quintais produtivos que são constituídos no interior das moradias.

Foram aplicados cinco questionários com os professores e 10 com os alunos. No questionário dos professores, envolvemos indagações como escolaridade, formação, tempo que exerce a profissão de educador, tempo que trabalha na escola, de suas atribuições dentro da escola, suas formas de trajetos para o trabalho, se tinha outra função em outro local, e em relação às histórias pessoais, para sabermos quem eram como pessoas da educação. Ainda trouxemos reflexões de suas concepções pedagógicas, referente sua prática enquanto educador e na sua atribuição profissional no espaço da escola.

Outras questões foram em relação à maneira como lidam com o Currículo da Rede Municipal com o Contexto da Escola Terra da Liberdade, das adversidades do contexto Semiárido, em específico dos desafios encontrados na escola, existência

de projetos educativos que estejam interligados escola e os processos de pertencimento, de convivência com o Semiárido, (horta escolar, processos recicláveis, protagonismo juvenil, ou ainda projetos de leituras).

Neste instrumento, solicitamos que os mesmos trouxessem para a escrita: se os mesmos gostavam do ambiente da escola; quais aspectos ou coisas que os atraíam mais na escola; as suas relações com os professores e colegas de sala. Usamos uma adaptação das oficinas da Olimpíada da Língua Portuguesa , sobre produção de texto em sala de aula, intitulado “Lugares pra gente morar, lugares que moram na gente” e explicamos o que tinham que escrever ou desenhar, inclusive pensando se gostavam de suas moradias. E, por último, um questão sobre como melhorar às aulas e a escola que estudam.

1.3 A ANÁLISE DOS DADOS E A SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Os dados coletados foram analisados dentro da perspectiva de natureza etnográfica com base nas observações realizadas, típicas da pesquisa participante. Nisso, após as observações realizadas e do material coletado, foi possível selecionarmos os dados mais relevantes para estudo, compreensão e sistematização do objeto estudado: as Eco-vivências, em diálogo constante aos paradigmas da educação contextualizada e à ecologia humana.

Nas etapas percorridas ficaram perceptíveis diversos processos que estão sendo concebidos no assentamento de camponeses, que substanciam em propostas dentro de suas potencialidades e particularidades que devem ser atreladas como uma mudança de vivências na semiaridez de construções das convivências de quebra com um paradigma de racionalidade de imposição posto na sociedade capitalista na qual vivemos e partem para produtivas práticas existências a partir de suas ousadias na emergência das suas sobrevivências.

Diante do exposto, os resultados foram organizados de modo um passo a passo de cada experiência observada nas vivências pelos encontros, das entrevistas, dos vídeos e imagens registradas, das verificações nos documentos da escola, e na visita ao INCRA que responde como instituição pela organização governamental das questões relacionadas aos assentados.

Nas análises dos questionários de professores e alunos, nas referências das teorias que evidenciam epistemologias para finalidades da convivência com os semiáridos, estudadas a cada etapa do desenvolvimento desse estudo se tornam constatações que ampliam e reiteram a construção do estudo.

Em síntese, para apresentação dos dados trouxemos os registros de forma mais aprofundados que gradativamente foram sendo criados nas conotações que são representativas e significativas no contexto da pesquisa. Bem como nas construções teóricas empreendidas pela universidade, no empírico das vivências dos sertanejos e sertanejas que vistas e ouvidas nas experiências são páginas que efetivam os relevantes pontos para a construção dos sentidos das produções produtivas da existência dos mesmos que são constatadas nas mudanças de convivências.

Para tanto, primeiro trouxemos a metodologia da pesquisa, descrevemos os processos de construção da mesma, na perspectiva da convivência para o Semiárido numa sinergia com a ecologia humana, demonstramos um quadro do empírico das vivências sertanejas do assentamento, suas lutas de conquista da terra, da escola, da água, da coleta de lixo, até o momento de perceberem a necessidade de uma mudança novamente em suas histórias. Partindo para a perspectiva da construção da horta orgânica comunitária, dos quintais produtivos, da criação de animais, numa trajetória de alinhamento de vida dos mesmos, no local ao global por meio de técnicas que se configuram de um diferencial em suas construções. Dessa forma, suas atividades se transformam em processos de **Eco-vivências**, pautadas na linhagem de uma ecologia de homens e mulheres sertanejos e sertanejas, no contexto do Semiárido Brasileiro.

Em um passo seguinte, por meio de leituras das literaturas, e vivências da pesquisa no espaço do assentamento construímos o conceito de **Eco-vivências**, indo das densas e revistas teorias da convivência com o Semiárido, e Ecologia Humana, numa perspectiva de construções de alternativas de autorias, de autonomias com parte de experiências nos espaços observados, demonstramos que são processos de muitas ressignificações que ao longo de algum tempo tornam-se relevantes estarem nas pautas de estudo por destaque de mudanças de paradigmas da convivência.

Depois endossamos o estudo dos paradigmas as vivências, nesse momento da escrita, destacamos, os paradigmas de forma mais minuciosa, num paralelo da vida no sertão Semiárido, de estereótipos, as construções feitas ao longo do tempo

do social relacionada ao sertanejo. Com o objetivo de demonstrar outro olhar ao Semiárido da atualidade, no qual torna-se uma ressignificação dentro desse Semiárido, com mudanças de paradigmas, baseadas, nas realidades, e criatividade que é inferida em suas constituições.

Na penúltima parte da análise recontamos a construção dos assentados, de como são partes do movimento assentados da terra pelos processos da Reforma Agrária, uma história de memórias, de lutas e conquistas do sonho de estarem presentes em suas representações sociais, numa apresentação de dados, e uma paisagem do assentamento é descrita, da comunidade com suas lidas com suas pelejas que são concebidas a cada novo processo da existência no Semiárido.

Na última parte trouxemos para a escrita os processos de educação que são construídos ao longo da caminhada de história do assentamento nas pautas da educação com suas perspectivas de comunidade, das construções de políticas de direito que se tornou possível para os mesmos, nas categorias de uma educação nos paradigmas da vida urbana.

E por fim, reavaliamos nossa experiência como pesquisadora diante das trajetórias que se afirmaram por todo o percurso da pesquisa, desde a construção do pensamento até a construção do texto, quais as nossas referências a partir de então, num momento de substanciar essas trajetórias quando da pausa com o fechamento do pensamento da escrita.

2 AS ECO-VIVÊNCIAS E SUAS SIMILARIDADES TEÓRICAS

Numa revisão de literatura, este capítulo aborda o que agora dizemos de uma convivência com o Semiárido. São constituições que elucidam novas políticas de convivências nas especificidades que adentram a localização do Semiárido em suas diversidades naturais sertanejas, assim, as ecologias de saberes populares, de métodos, de epistemologias que se refletem ao contexto que narram uma condição de vivências ao desenvolvimento com possibilidades, de autorias e autonomias de um protagonismo de histórias sertanejas.

Estamos nas leituras do tempo atual com o pensamento de uma convivência atualizada em função de novos saberes e de novas demandas da existência, nesse novo contexto que ora se materializa são evidenciado planejamentos, práticas inovadora de vivências de formas de vida.

As mesmas estão sendo incorporadas e constituídas onde podemos ressaltar que as categorias que se destacam são: a cultura, a ideologia, a solidariedade, as lutas sociais, e a identidade.

Apesar de a humanidade viver num mundo, em que são as marcas determinantes da hegemonia capitalista que prevalece, mas as populações e/ou territórios tem repensado suas histórias, suas memórias suas identidades, nos movimentos populares percebe-se a construção de alternativas para lidar com esse capitalismo que impõe e domina.

Nesse sentido, agora é o momento de construir, a partir de si, onde o contexto ganha uma dimensão por demais importante, sendo o ponto de partida por assim dizer, é que configuramos a construção do pensamento do conceito de **Eco-vivências**, trata-se de vivências construídas ao longo do tempo das maneiras de viver no Semiárido Brasileiro, que ganha uma nova versão a partir da construção de sentidos culturais, que substanciam propostas de romper com o dilema de espaço de muitas adversidades, pobreza, aridez de desafios configurados nesses contextos sem verso nem conexo para a construção significativa de vida.

Nota-se que, são reinventados processos e conhecimentos locais para a satisfação de necessidades, transformando-os e adaptando-os, as novas necessidades, tendo um pensamento de criatividade, de transformação social com alternativas contrárias ao capitalismo do consumismo desenfreado, vamos, a seguir, idealizar esse pensamento por meio de conceito.

A construção do conceito traz a soma de outros conceitos, levando a outros estudos que podem estar relacionados à ressignificação da convivência com o Semiárido, nas mudanças de paradigmas como proposta que potencializa saberes e convivência. Dessa maneira, Geertz,(1989, p.18) diz que “os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retornam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas”.

Assim, entendemos de algo que está em questão no pertencimento de sobrevivência dos então assentados camponeses, que são construídas nas interações, na produção da vida, numa sintonia de equilíbrio de fatores que envolvem suas particularidades em que compõe o Semiárido, e as diversidades culturais, ideológicas, em significativas práticas produtivas e estilos de vida que se desenvolvem e se especificam no contexto escolar e entorno.

E ao envolver múltiplos olhares enraizados a paradigmas de abordagens, que alicerça o conceito que está a alinhar-se gradativamente um significado. Nesta condição investigativa, se complementa nas suas similaridades, numa nova proposta de enfrentar os desafios que são postos pelo mundo atual, projetada numa globalização alternativa a partir das potencialidades, novos modos de pensar, de ser, de sentir, de agir de seus ecossistemas, contextualiza como sendo uma mudança de paradigma pelo seguinte pensamento, “O novo paradigma é ao mesmo tempo quebra e promessa” (GADOTTI, 2000, p. 193).

Sendo uma quebra de conceitos, ao romper com velhos paradigmas de convivência com o Semiárido. A compreensão do paradigma vigente da seca, da pobreza, de um imaginário carregado de estereótipos sociais, numa reflexão de concepção de novos conceitos pelas condições de existência ao contexto e sua diversidade árida.

E promessas porque oferece novas razões para a concepção de uma melhor qualidade de vida, num movimento que aposta em uma nova convivência de vida, e autonomia local, para além de uma finalidade de um enfrentamento à crise ambiental que se faz propulsora numa totalidade e que na qual se atribui um valor econômico à natureza e à cultura.

Mas, ao mesmo tempo, um processo de racionalidade ambiental que permite aos envolvidos de inovar novas práticas produtivas baseadas nas potencialidades ecológicas da natureza semiárida e em específico ao local do assentamento, que na

criatividade cultural de suas gentes camponesas atuam numa resposta as configurações históricas de situações postas na produções existenciais.

Nas suas similaridades conceituais, **Eco-vivências** é uma reconfiguração numa perspectiva ecológica, de mudanças de paradigmas ao desenvolvimento que fundamenta nas relações sociais.

Dessa forma, são sinergias de um conjunto de ações, sociais, econômicas, culturais, educacionais e políticas, pela concepção e afirmação de valores e práticas de igualdade, á dignidade de cada ser humano e do coletivo como um todo, para interpretar esses movimentos sociais de assentados, que nascem nas experiências de grupos partimos para uma reflexão pelas ciências que enriquecem os sentidos.

Entre autores que fazem análises críticas do Semiárido encontra-se uma excepcional obra nesse sentido, é a publicação “Educação para Convivência com o Semi-árido: Reflexões teóricas-práticas”, organizada pela Secretaria Executiva da Resab em 2006, que em sua tessitura traz artigos diversos que promove reflexões e discussões sobre as concepções de território, um processo que vem sendo profundamente estudado por Carvalho (2012), sendo que Martins(2006) com a concepção de rede e de educação contextualizada defende. A questão da convivência com o semiárido na perspectiva do desenvolvimento sustentável, emprestam suas análises críticas ao presente estudo, por adotarem como ponto de partida, modelos que integram alternativas de desenvolvimento, que afirmam ressignificações em proceder de sustentabilidade, que afloram o resgate de significados e finalidades para a realidade do Semiárido.

Neste caso, considerando que este desenvolvimento deve ser de um tipo que crie as condições que permitam melhorar as condições de produção da existência dos grupos humanos, é preciso considerar que estas condições relacionam ás potências existentes nos próprios meios sócio-ambientais em que estes grupos humanos estão inseridos (MARTINS:2006, p. 59).

A nossa condição de estar no semiárido e também pelas narrativas mundiais: os processos ambientais, as políticas, todas essas questões devem ser os pontos relevantes observados da ‘convivência’ que estejam inerentes em nossos discursos, em nossas ações nas vivências e convivências “ é neste sentido que a questão da “convivência com o semiárido” se liga a questões maiores, mais amplas; se abre para que incluamos aí a questão da convivência humana em termos mais amplos e

mais complexos”. (MARTINS, 2006, p.76). Há uma ressignificação da natureza e a elaboração de novas territorialidades.

Assim, compartilhamos com uma relevante questão de convivência humana que pauta nas questões de ocupar-se da natureza de forma respeitosa e criativa preocupando-se com o futuro da Terra e da vida, nesta condição de processos de convivência humana permitindo um diálogo entre as ciências de convivência com o Semiárido, numa consonância com a ecologia humana.

Assim, como os sertanejos assentados que partem com suas novas práticas sociais, nas quais são vivências inovadoras, assim também emergem novas formas de construir conhecimento, traremos ainda a concepção de Guattari (1992), e Marques (2014), (2015), Leff (2016), Gadotti, (2000), Boff, (2012), Capra (1996), Contel e Pontel (2013), Acosta (2011), para alicerçar a interpretação da ecologia como uma ciência que estuda as relações humanas, individuais e coletivas. “A ecologia humana é uma ecologia que coloca gente nos ecossistemas, e estuda suas relações e consequências”. (MARQUES, 2014, p.14).

Nesse sentido, a conceituação de Ecologia aconteceu pela primeira vez em 1866. De acordo com os registros, no livro *Ecologia do Corpo Ecos Da Alma*, (2015) descrito pelo prof. Dr. Juracy Marques, o cientista naturalista alemão Ernst Heinrich Philipp August Haeckel fundamenta a palavra descrita numa nota de rodapé, nesta então definição do que seria Ecologia e que tinha como significado: “o estudo da economia das relações dos animais e das plantas com o ambiente” (HAECKEL *apud* MARQUES, 2015, p. 38). A partir dessa construção, tal estudo ganha relevância objetiva, num primeiro momento, como uma ramificação da biologia, por assim dizer, ao ser definida como uma subárea da biologia, dessa forma, o início de uma definição de uma das ciências mais complexas do mundo contemporâneo.

Já no texto de 1869, de acordo com Silva & Marques (2012), o cientista Haeckel consolida, em seus escritos *Morfologia Geral dos Organismos*, um significado mais preciso da palavra Ecologia. Descreve, segundo o mesmo, que o termo deriva da junção da palavra latina *oikos*, que significa “casa”, *logos*, que diz respeito a “estudo”, estudo ou ciência da casa. Assim, pois, é o significado da palavra Ecologia.

O termo foi criado, mas os seres humanos não compartilhavam dessa casa. Na construção da terminologia, caracterizava a economia da natureza, das relações

de distribuição e abundância dos organismos e de como acontecem as interações que determinam esse ordenamento das grandezas.

A definição do termo delimitava-se unicamente a biodiversidade vegetal e animal, ao passo de desenvolvimento da humanidade se fazem os avanços históricos, a epistemologia ecologia, então vai sendo conduzida a um novo significado. E alçando novos horizontes em que supera os limites da biologia, torna o estudo “ambiente casa”, numa inclusão de todos os organismos existentes e todos os processos funcionais que a torna habitável.

O ambiental, a ecologia social, a ecologia mental ou profunda, e a ecologia integral. O discurso da ecologia foi delineando outros tantos necessários significados, a partir da esfera social e política, ao emergir os primeiros sinais de desequilíbrios ecológicos, e outras entendidas como relação e inter-relação existentes entre os meios, entre si e com tudo o que existe. E assim, atualmente, podemos distinguir, segundo Gadotti (2000, p.89), quatro pilares da ecologia: que são ecologia as seguintes.

A ecologia política de argumentação precisa pelo Leff (2016, p. 236), diz que “A ecologia política territorializa saberes no encontro de sistemas de pensamento e modos de produção de conhecimentos”. Ainda de acordo o pensamento do mesmo autor, está intimamente relacionada à interpretação da ecologia humana de forma mais apurada quando traz nos diálogos descritos que:

Com a emergência da episteme ecologista e a atração que exerce para as ciências da terra e da cultura, surgiram novas disciplinas geográficas e antropológicas “ecologizadas” nas quais se foram incorporando as determinações do meio na configuração das práticas culturais de adaptação, aproveitamento e transformação de seu entorno ecológico. (LEFF, 2016, p. 100).

À medida que os emergentes sinais de consequências emitidos no solo, na água, no ar com tantas poluições agressivas que são associados nas construções humanas, decorrentes das ações desordenadas da humanidade, também são devolvidas através de temerosas respostas pela natureza, e assim foi sublimando novas necessidades, incorporar novas determinações ao ambiente natural nas práticas culturais de adaptação e aproveitamento e transformação de seu entorno nas pautas ecológica.

Assim, à necessidade de processos de diálogos, estudos, questionamentos foram se constituindo, pautas em que trouxeram movimentos em prol da vida para a constituição de equilíbrio.

Entre a humanidade e o planeta, e dessa forma surgiram novas disciplinas geográficas e antropológicas que vertem por processos da ecologia no sentido de necessidade de engendrar novos territórios existenciais, novos universos de respeito, de preservação, saber de relações de interdependência, associada num conjunto e não de forma isolada, de que o homem é diálogo, é interação entre o meio, é relação interligada ao ambiente natural onde se vive. “As reflexões desta obra na abordagem da Geografia Cultural-Humanista são postas como uma pretensão de transversalizar nos conceitos e categorias geográficas (território\territorialidade, paisagem, natureza e rede)”, teoriza assim, (CARVALHO, 2012, p.33). O pensar de carvalho traz a transversalidade entre várias ciências, como parte relevantes na construção de mecanismos nas relações entre ligação e interação das mesmas.

A partir de então, são constatados conceitos nos quais se aprimoram as formas de viver em grupos, equipes, e não mais o homem isolado, mas num diálogo de entender que somos interdependências, que somos parte, complemento de um todo, e nessa relação de interação é que construímos significados para nossa existência, sobretudo, a nossa existência em comunidade.

2.1 ECOLOGIA HUMANA E COMUNIDADE: A CONSTITUIÇÃO DE ECO-VIVÊNCIAS

Dessa feita, trazemos comunidade pelo significado que a palavra proporciona para essa reflexão, para definir o grupo de assentados camponeses, a mesma traz em si uma sensação de leveza por entender que é um lugar de boas sensações, de confiança, de esperança, “as palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações, a palavra “comunidade” é uma dessas” (ZYGMENT BAUMAN, 2003, p.7). Sendo uma palavra que permite interligar os sentidos a um contexto de paz, de alegria, confiança, de trocas de experiências, é como construímos a imagem dos assentados camponeses em sua localidade, por constituírem seus sonhos, suas utopias, sua constituição de seres humanos militantes de conquistas da terra, das

experiências inerentes com o plantio, em busca de novos conhecimentos que afirmem a possibilidade pelas potencialidades da fauna e da flora sertaneja.

Assim, interpretamos os assentados camponeses pela ótica das ciências nas transversalidades desses homens e mulheres, na contextualização de saberes em suas convivências com o Semiárido. Assim sendo, a ecologia humana sertaneja, que se traduz como uma verdejante ciência, preocupada com as questões que transcende nas construções e nos conhecimentos das ciências, e também indo ao empírico como queiramos, que orienta e nos incita a lidar, afetivamente, conosco e com todos os outros seres que nos cercam. Com o outro ser humano, em nossas vivências existenciais, a ecologia humana vê na continuidade a totalidade que não se resume em partes, mas também da interdependência orgânica de todos os elementos envolvidos nos processos.

A ecologia, no nível de paradigma, implica numa atitude básica: pensar sempre holisticamente, quer dizer, ver continuamente a totalidade que não resulta da soma das partes mas da interdependência orgânica de todos os elementos: com isso se ultrapassa o pensamento meramente analítico, atomizado e desreligado da modernidade. (BOFF, 1996, p. 72).

Na ecologia, pelas reflexões de Boff, e quando se trata de paradigmas o pensamento ao iniciar será de transparecer à constituição de ressignificação, de partilha, de cuidar e zelo, principalmente quanto a soberana mãe Terra, as questões que se constituem em nossas condições de vida no semiárido, nesse sentido, ainda, Boff (2012, p. 10) afirma que “a ecologia é, pois, uma resposta à crise que se abateu sobre a biosfera ameaçando a sobrevivência da vida”.

Uma advertência para a humanidade. Em específico, as grandes potências que, na atualidade, provocam impactos e ameaças por todo o planeta. Os ecossistemas são ameaçados e invadidos nas suas particularidades. Temos a repercussão de mudar as formas de relações, ou não será possível existência de vida. Sendo que, a cada nova reação da natureza por tantos processos desumanos envolvidos nos ecossistemas pelas ações da humanidade, maiores serão as dificuldades para a constituição de vida, de harmonia, de equilíbrio.

Sendo assim, pelas premissas epistemológicas da ecologia humana, que ora enfatizamos como a ciência que surge da necessidade de produzir conhecimento para uma melhor compreensão da relação do homem com o seu ambiente, em uma

busca constante do ser, de entender qual o seu papel na natureza, aos problemas em respeito da realidade: de cada sociedade, em cada momento. São elaborados diálogos com características legítimas de uma visão digna de serem discutidos, referenciados nas pautas de estudos e pesquisas, nas diversas áreas do conhecimento principalmente da educação.

Assim, acontece uma maneira radicalmente nova de conceber, uma linguagem humana, elaborada a partir de várias décadas de vivências experimentadas de contradições na convivência com Semiárido brasileiro, “O passado é construído a partir do presente, que seleciona aquilo que, a seus olhos, é histórico, isto é, precisamente aquilo que, no passado, desenvolveu-se para produzir o presente”. (MORIN, 2012, p. 12). É que construímos a solidez do que seja **Eco-vivências**, manifestam-se a partir de vivências num exercício diário de conhecimentos epistemológicos, das diversidades culturais, e dos processos globalizados de um capitalismo desmedido, e trazem a pretensão de contribuição em meio as potencialidades e complexidades em uma relação indivíduo-natureza num determinado território do qual é o Semiárido Brasileiro, numa reflexão central do tema que versa nas entrelinhas do que é viver no sertão, no tempo de outrora até a contemporaneidade do ser e estar dos sertanejos e sertanejas.

Numa temática de ligar-se por uma ‘reinventar sertanejo’, por um direito em dignidade, respeito, num diálogo com o ser e estar na Convivência com o Semiárido Brasileiro, de homens e mulheres simples que pertencem ao contexto da cidade e do campo.

Por um alinhar de construção de sentidos, os princípios do conceito do qual denominamos de **Eco-vivências**, se destaca na obra basilar as Três Ecologias. (GUATTARI, 1990) condiz com as perspectivas almejadas no tecer desse então conceito ao registrar inquietações em que o planeta Terra vivência de acelerações em processos tanto tecnológicos quanto científicos, que tanto tem contribuído para avanços na história da humanidade, como propulsores de consequências assustadoras as nossas existências.

É a maneira de viver, diante tantos desequilíbrios ecológicos, que se transparecem deixando incertezas de vida em plenitude daqui em diante sobre o planeta. “o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico”. Guattari (1990, p.8).

Outras situações que trazem desconfortos de fato e num paralelo aos processos ecológicos que se manifesta nas relações individuais e coletivas em redundâncias de comportamentos e imagens céleres de deterioração, assim diz, Guattari, (1990, p.8) “e a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva”.

Portanto ao refletirmos a temática, salientada pelo filósofo Francês Felix Guattari, que descreve em seus questionamentos as evidentes aceleradas mutações técnico-científicas, e as condições de viver daqui a algum tempo no planeta. Como um manifesto em que registra de forma precisa as questões que se materializam na ambiguidade e complexidade na contemporaneidade do que somos, e de onde estamos na nossa condição de homens e mulheres diante dos paradoxos conflitantes, ainda invoca as subjetividades humanas nas suas discussões de maneira preocupante de que o homem é um psíquico ser, que envolve e se deixa envolver, por meio das sensibilidades, das inteligências, dos desejos.

E assim articula o processo ao qual nomeia como ecosofia que transparece como um ajuste, uma possibilidade, na perspectiva de que ainda é possível, um esclarecimento convincente a tais questões, as quais estão numa ramificação necessária para que se equilibrem as relações da humanidade, entre meio ambiente, o das relações sociais, e o das subjetividades humanas.

Fazer emergir outros mundos diferentes daquele da pura informação abstrata; engendrar Universo de referência e Territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas a conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social e afrontar o face -a- face vertiginoso com o Cosmos para submetê-lo a uma vida possível — tais são as vias embaralhadas da tripla visão ecológica. (GUATTARI, 1990, p.54).

Na construção do conceito transparecem uma comunhão nas inquietações do autor da seguinte maneira: se faz necessário emergir outros mundos que possam se diferenciar de uma ambiguidade excludente que permeiam as relações de uma sociedade de proceder que impera com suas políticas tidas globalização, de satisfação imediatista, de domínio capitalista, e dessas ambiguidades. O Semiárido Brasileiro bem dialoga, em meio as suas adversidades inferidas e suas lutas emergentes com esse mal-estar da atualidade de tantos descontentamentos, num repensar suas histórias, é que são construídas novas ideias de apostar novas

realidades, um resgate, a partir de transformações fundamentais que ocorrem indo do pensamento às relações que se associam.

É pensar num outro viver de autorias, de novas práticas, um externar novo modo de ser e de estar nas singularidades, nas coletividades. Segundo Boff (2012, p.15) “sob que formas os cidadãos participam ou não dos benefícios naturais e culturais; como trata seus resíduos, e o que faz para garantir a regeneração dos recursos escassos para assegurar o futuro para si e para as próximas gerações”. Ao inserir nesses conhecimentos que estão na Terra, nas cosmologias sertanejas, que estão interligados e incorporados a novas convivências com seus contextos.

A priori as **Eco-vivências** são construções que partem num esperar, num interpretar dos problemas, e assim, bases e respostas são concebidas numa interação entre cultura e a natureza, uma modificação do ambiente numa interpretação de convivência e não de dominação.

Dessa forma, uma resposta humanizada um novo modo de ser, de sentir, de pensar, de valorizar o contexto nas relações com a natureza e ecossistema. “Um tempo de desconstrução e de reconstrução do mundo, no qual estão se ressignificando identidades e sentidos existenciais na contracorrente do projeto unitário e homogeneizante da modernidade”. (CARVALHO, 2012, p.55).

Enfim a convivência para os sentidos de ressignificação traz os elementos que são identitários aos assentados camponeses, na conquista do território, nas suas lidas de plantio, com suas perseverantes marcas de resistências pelas políticas sociais aos direitos respeitados de estar no campo com dignidade, nas suas crenças, nas suas limitações.

Nas suas potencialidades já perceptivas no seu contexto, numa ótica de sociedade, sendo reconhecidos de suas autorias, de suas mudanças de convivências de suas ecologias de homens e mulheres sertanejos, numa considerável nível de outro/novo olhar sobre o Semiárido em que são revistas nas suas similaridades de suas comunidades, de suas redes interativas, assim numa emergência sistêmica de viver que se faz e se refazem nas suas complexidades físicas e sociais, é que proporcionamos a uma construção de um conceito para evidenciar suas relevantes construções existenciais.

3 DOS PARADIGMAS CONSTITUÍDOS À DEFINIÇÃO DAS ECO-VIVÊNCIAS

Para iniciar a construção do pensamento delineamos uma definição de conceito de paradigmas, no sentido amplo. São modelos que, mais ou menos por um período um tanto quanto longo, salientam disposições escritas estabelecidas, determinantes princípios que são modelos e padrões a serem seguidos por uma sociedade na qual se orienta e registra suas relações por meio destes.

Para acontecer um segundo sentido para paradigmas nascem dentro dessa primeira conceituação, a partir de um momento que questões são postas de forma mais restrita por assim dizer, sendo uma construção inovadora de propostas diante da presença de determinados problemas que transparecem.

Desta feita, traremos os paradigmas para uma aproximação do conceito com a delimitação do objeto de pesquisa ou seja, uma maneira de ressignificação que emergem com às produções da existência, de uma nova convivência com o Semiárido, como sendo uma mudança de paradigmas.

Uma vez que, outros paradigmas clássicos existentes, que lidera nos conceitos, e determinações, já não suprem as necessidades, por isolar, dividir o homem do universo, e das relações enquanto comunidade. Nessa direção, não aceitando as subjetividades, em crises, e incertezas conflitantes, assim sendo, a necessidade de serem rompidos, criando novas propostas para um viver de sinergias interativas nas convivências em suas realidades. A essa perspectiva de construção referenciamos o pensamento de Kunh (2006, p. 116), o qual, coloca que:

A transição de um paradigma em crise para um novo do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal está longe de ser um processo cumulativo obtido por meio de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações.

O autor citado anteriormente ao teorizar pelas ciências o conceito de paradigma empresta seu pensamento para uma construção do sentido de convivência com o Semiárido.

Como movimentos paradigmáticos algo que ocorre quando o velho paradigma não responde condições favoráveis, não permite contribuições que legitimem autenticidade de histórias nas pautas de sensibilidade humanizada.

E assim, se elucida uma desconstrução para uma construção que trilha em meio a outros princípios, uma racionalidade que é repensada na realidade ambiental de um ecossistema e perpassa as percepções de saberes, sentimentos, as crenças, e os interesses que se debatem nas práticas sociais que são interações individual ou nas coletividades.

Nesse sentido, o conceito de Eco-vivências são alinhamentos concebidos de sentidos contrários a racionalidade da crise, indo para uma fundamentação nas formas de “ser no mundo” e de repaginar em novas concepções de convivência que trazem respeito, sensibilização, cuidar nas relações interativas com o Semiárido.

As representações sociais do semiárido que são interpretadas, muitas vezes, de forma preconceituosa e descontextualizando o lugar que se vive. Nesse sentido, diz Carvalho (2013, p. 57): “a natureza do Semiárido tem sido significada nas imagens, romances, livros didáticos, discursos e programas como ‘pobre’, ‘feia’, ‘hostil’, ‘adversa’”.

A narrativa do semiárido, de homens e mulheres sertanejos, da sua grandeza de resistência, a tantos estereótipos que na construção imaginária ainda é propagada pela nação brasileira de povos que são sobreviventes, miseráveis em sua condição existencial, de um lugar de repulsa. E de forma preconceituosa e distorcida essas construções imaginárias vão sendo divulgadas, sobretudo pelas grandes mídias.

Uma história desastrosa do semiárido é construída de paisagem “natural ressequida”, desapropriada para existência, desqualificada nas literaturas, nos discursos políticos, e no próprio linguajar sertanejo. Segundo Carvalho (2014, p.50), “o sentido de “natureza hostil” dado ao Sertão Semiárido tem sido descrito nos materiais geográficos e narrado na literatura como um lugar ‘feio’, de ‘natureza morta’, onde não se vive, mas vegeta-se, e assim por diante”.

Essas narrativas foram sendo fortemente construídas com características inapropriadas para uma forma equilibrada e possível de se viver nos espaços e territórios do Semiárido Brasileiro. Os resultados, ao serem evidenciados nos indicadores sociais, têm sido de extrema negatividade.

O projeto de desenvolvimento apoiado na racionalidade da natureza criou imagens do SAB enquanto o espaço da seca, da pobreza, do êxodo rural, dos flagelados, do chão rachado, do ambiente hostil- os resultados têm sido evidentes nos indicadores sociais negativos, no

processo de degradação dos solos, na produção de imagens e discursos preconceituosos do “ser sertanejo”. (MARTINS, 2006, p. 34).

Em meio a um cenário de impossibilidades, como é descrito e imaginado o Semiárido tantas vezes pela sociedade, é que surgem oportunidades de repaginar a realidade, tornando-a visível e dizível na perspectiva de outro Semiárido possível e que vem sendo constituído na relação indivíduo-natureza, em uma convivência cidadã pelo dialogar na diversidade e na harmonia com a natureza.

A partir da contextualização como segmento necessário ao bom uso da natureza, um crescente pensar e posicionar-se crítico-reflexivo e nos propósitos da sociedade civil. No pensamento argumentado de Capra (2002, p. 83), nós refletimos um concretizar de significados: “a emancipação acontece sempre que as pessoas são capazes de superar certas restrições do passado, provocadas pelas distorções de comunicação”. A esse sentido é que se compõem os significados das então, **Eco-vivências**, como sendo o processo de emancipação dos camponeses assentados, numa fundamentação de nova materialidade dos processos de vida dos mesmos.

Nesse entender de potencialidades, e neste contexto de geografias humanas ricas de significados, é que se emergem novas possibilidades de vidas, e não apenas de pobreza, de miséria. Mas, a partir das subjetividades de homens e mulheres camponeses, nas experiências sertanejas, a partir de suas pegadas nas idas e vindas desse repleto Sertão de valores, de grandeza no Bioma Caatinga e pelas suas diversidades únicas, é que a existência humana deve ser pensada, afirmada, estudada, nos seus laços com a terra, com os animais, as plantas destes ecossistemas, às suas místicas, nas suas multiplicidades de sentidos e definições.

Como afirmação para finalidade desse conceito em estudo, **Eco-vivências** é que referenciamos as palavras seguintes “as ideias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; como já disse, elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos”. (GEERTZ, 1989, p.19).

Nessa perspectiva, o pensamento de Martins (2006, p.34), fundamenta a proposta contrária aquela concepção hegemônica reinante do “combate à seca”, por registros que a descreve nas discrepâncias evidentes nas políticas públicas para o semiárido nos seus estudos epistemológicos, metodológicos inferidos como propósitos de mudanças na racionalidade de pensar um novo viver (a Convivência

com o Semiárido), delineados pelas inferências pautadas em discursos e registros argumentativos que têm sido pressupostos capazes de criar novos processos de mudanças, a partir dos espaços e do importante da universidade (UNEB).

Como sendo uma proposta de falência a essa ideia contrária, para uma proposta de emergência de convivência com o semiárido, ou a um desmembramento do pensamento técnico-economicista, para uma emergência crítica da perspectiva científica ambiental-sistêmica. Assim sendo:

e nesse novo contexto, um campo de força é estabelecido entre os “atores sociais”, em suas relações de poder com o espaço, possibilitando a re-elaboração de novo recorte territorial, novas formas de inserir esse território às outras escalas espaciais e de demandar políticas públicas, já denominadas de apropriadas, às novas formas de produzir, ver e viver o Semiárido Brasileiro (MARTINS, 2006, p.32)

A não aceitação da condição de pobreza, das múltiplas injustiças sociais propagadas e inferidas pelas políticas públicas de ações descontextualizadas por parte do Estado, manifestaram reação por meio da ação-interação de segmentos sociais, dos movimentos sociais de assentados da Reforma Agrária, a pressionar a participação e gerenciar os processos de elaboração e implementação de programas que se propusessem para a realidade dos territórios.

Territórios esses que, por muito tempo, foram invisíveis diante dos olhos da sociedade. Os camponeses, “sujeitos sociais, invisibilizados apenas destinatários de programas sociais compensatórios e de políticas educativas se mostrando presentes, visíveis, resistentes”. (ARROYO, 2012, p. 26). Sujeitos sociais que sempre deram continuidade em um tracejar de possibilidades e oportunidades, contribuindo na elaboração de novas territorialidades.

Então, a forma militante na Ecologia das produtividades se afeiçoa nas entrelinhas ético-política, nas restrições das questões ambientais, mas também nas relações sociais, da subjetividade humana, de perceptivas sinergias a convivência com o semiárido.

São construções que se desenvolvem vivências. Representam um tecer de redes apropriadas de saberes que se interligam e se vinculam às nossas especificidades de vida. Sem, no entanto, tornar-se um reducionismo, sem estarem em uma total ordem. Para Martins, essas vivências se revelam ser um desafio em reconstrução, porém percebendo que somente poderemos evoluir nesse sentido,

indo por meios das certezas científicas, na relação aos conhecimentos populares. Ousando num planejamento de quem somos e para onde queremos estar depois.

E neste sentido o seu desafio é de permitir que haja religação de saberes em seu percurso. Porém, com a única condição de reconhecer que este esforço todo só tem sentido se considerarmos que os saberes que temos – seja na ciência, seja nas tradições populares – não se bastam e nem bastam ao atual esforço de mudanças sociocultural, que a ideia de “convivência com o semiárido” implica. Neste caso, anda junto uma demanda de revisão dos próprios saberes com os quais manipulamos e intervimos na realidade. (MARTINS, 2006, p. 76).

A uma ponte de interligações conectadas, que são vinculadas nos mesmos objetivos e propostas, que se entrelaçam nas demandas científicas no pensar, no argumentar.

Desta forma, essas interligações se constituem nas junções de pensar a materialidade de convivência com o semiárido, ao que é interpretado pelos processos epistêmicos dos propósitos de defesa da ecologia humana. Somos convocados a constituir um modelo sustentável para o semiárido de forma que os diálogos se condensem.

A isso, denominamos como uma religação de saberes que emergem-se na educação e nas pesquisas acadêmicas, para as propostas de construções de políticas públicas apropriadas para a validação de direitos. Além disso, nos planejamentos educacionais seja na escola, na sociedade ou universidades.

Em todo caso a discussão da “educação para a convivência com o semiárido”, merece ser soerguida á condição de questão pertinente (para a educação, para a pesquisa acadêmica, para as políticas públicas), e neste sentido o seu desafio é permitir que haja religação de saberes em seu percurso. (MARTINS, 2006, p. 76).

A essas interligadas interações entre os sujeitos e a convivência com o Semiárido, de forma laboriosa, entrelaçam-se não somente o meio ambiente, mas as subjetividades humanas, as quais entram nas sinergias de processos equivalentes e referenciados na ecologia humana. Ocorre assim, um processo de Convivência para com o Semiárido.

Mais do que uma relação direcional ou mesmo circular; podemos pensar numa relação rizomática, na qual não se encontram uma ordem ou hierarquia específica, mas se integram como uma teia, como num emaranhado, em que todas as partes se relacionam sem um direcionamento específico.

Assim, as partes se unificam numa mudança de paradigmas, fazendo com que, pelo desenvolvimento das ciências, muitas outras perspectivas emergissem indo das teorias às metodologias.

Distanciando-se das formas de se construírem as imagens negativas, mas conectados pelos mesmos processos de construções de ideais, “compreende-se que as novas falas e imagens, promovidas pelas as novas institucionalidades geram a transição paradigmáticas de sentido de natureza pelo viés da subjetivação em torno da concepção simbólico-cultural de território Semiárido”. (CARVALHO, 2012, p. 150).

Portanto, diferentes práticas e programas que surgem nas vivências sertanejas que elaboram projetos sócios-produtivos e ambientais que se fundamenta nas ciências, nas consciências populares, nos conhecimentos e saberes popular\tradicionais.

Baseada em outros princípios, os de renúncia ao caos que se destacam e avolumam por todo o planeta, num alinhamento de pilares que sustenta a política de consciência de equilíbrio de consumo, em que os saberes e a simplicidade caminham juntos em suas pretensões e lutas, no pensamento seguinte Boff assim, diz, “como transparece, é útil assumirmos o primeiro sentido: paradigma como uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com todo o resto á nossa volta”. (BOFF, 1995, p. 27).

Dessa feita, então as Eco-vivências são as articulações que vertem em produções de trabalho constituídas com significativas vivências, nas festas, nos símbolos, na arte, nos rituais, nas místicas, nos cantos e danças, nas ações socioculturais, que vão sendo tecidas, nos itinerários que envolvam a natureza-indivíduo. Estas que são outra forma revelada de viver, de explicar e argumentar o mundo.

Constelações que transparecem uma pauta de conhecer o mundo indicando uma espécie de convivência entre homens daquilo que Martins (2006, p. 72), chama de magia: “a magia, neste caso, é a ciência possível que, em si, não é lógica nem ilógica. É apenas um saber que resolve conflitos, carências por explicações, por dotar de sentido e entendimento as coisas do mundo”.

As vivências são mudanças que ocorrem diante de um contexto de paradigmas conflitantes de uma “viver não tão bem viver”, como tantas vezes estigmatizados e conceituado nas convivências no Semiárido Brasileiro, “ou seja,

uma definição que contribui para afirmar uma população que habita um território de exclusão dentro do Brasil, uma identidade tradicional, marcadamente resignada”. (CARVALHO, 2012, p. 90).

O bem viver que defendemos não se trata de ser algo fácil de construir, mas um desafio que começa por interpretar nossas realidades, de pensamentos, nossas premissas, nossas teorias, nossa forma de ver a própria realidade de sertanejos e sertanejas.

Não se pode negar toda uma estrutura de iniquidade social existente no Semiárido Brasileiro, que lhe atribui um bolsão de miséria dentro do país, mas o que se mantém e ainda se reforça nas descrições e análises atuais é a imagem do sertanejo pobre e vítima da seca (CARVALHO, 2012, p.90).

A uma mudança de concepções e ideias de uma viver permanente a tantas décadas de tempo, que se tornaram visíveis de lutas, de aridez, atingidos por tantos estereótipos perceptivos, a partir dessa concepção que buscamos construir a ideia das Eco-vivências, ao refletir numa realidade existente, criar uma realidade de convivência sustentável, isto é, ambientes sociais e culturais em que será possível conceber melhorias em nossas necessidades e desejos numa perspectiva que deve respeitar o direito da próxima geração encontrar condições e benefícios de vida.

Uma mudança que nos permite compreender que, “criar comunidades sustentáveis — isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras”. (CAPRA, 1996, p.15). Ainda nos mostra o pensamento seguinte que, para que as alterações sejam feitas, precisamos compreender o mundo com um novo olhar.

Segundo Conti e Pontel (2013, p.22), se afirma, “nesta acepção, ao mudarem-se os paradigmas também se alteram as formas de compreender o mundo por meio de novos instrumentos que orientam os olhares em novas direções”. Dessa feita, novos significados vão se constituindo em novas racionalidades, se substanciam diante de lutas de homens e mulheres sertanejos que não desistem e persistem, dessa forma emergem novos significados em ser e estar na sua condição existencial.

É nessa condição que os movimentos sociais de assentados da terra, pela projeção da Reforma Agrária, captam essa estreita interação nas quais são interligadas nos coletivos, quando compartilhadas nas oficinas, nas trocas de diálogos que se constituem em histórias, em produções existenciais inerentes entre

trabalho\produção\cultura, de que tudo é um processo interligado do ser humano ao universo.

Podemos ainda entender assim: “o universo não está lá fora. Está dentro de nós. Está muito próximo de nós. Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural”. (GADOTTI, 2003, p. 63).

O conceito pode ser percebido nas virtualidades que procedem da convivência com o ambiente natural, envolvendo produções orgânicas, nas construções pedagógicas no espaço da escola, nas diversidades étnico-cultural dos povos do assentamento que são os protagonistas evidentes nesta pesquisa do Sertão Semiárido. De acordo com Capra “A medida que a vida evolui, esses padrões tendem a tornar-se cada vez mais elaborados; mas nem por isso deixam de ser variações do mesmo tema”. (CAPRA 2002, p. 84).

Em que homens e mulheres, crianças\professores com suas particularidades e especificidades, nas suas historicidades e memórias constituam uma produção de existência de maneira centralizada nos mesmos, num paralelo de diálogo do local com o global. Não são apenas algumas atitudes alternativas, não se trata de um reducionismo.

Mas como um rompimento com as narrativas universalistas. Uma retomada de realidade e aspirações que se entretecem na convivência. “Trata-se de nos pesarmos em termos mais cosmopolitas e mais amplos: temporais, espaciais, ambientais, políticos, comunicacionais, pós-coloniais, neocoloniais, etc”. (MARTINS, 2006, p. 76). Um ampliar de significados no viver das realidades de territórios inteligíveis de sua condição complexa e de suas potencialidades inerentes em todo o seu contexto.

Em que as propostas de mudanças não estão prontas, como receitas, mas que se aprimoram, se constituem e se complementam em um repensar de suas identidades, suas subjetividades, indo numa perspectivas de escolhas a fazer e a segui-las.

Se interliguem com a natureza, com as relações sociais, no contexto de suas identidades e suas subjetividades, assim como numa complementariedade e reciprocidades. Nas palavras de Acosta (2011, p. 77), “trata-se de construir uma vida em harmonia dos seres humanos e consigo mesmos, com seus congêneres e com a Natureza, vivendo em comunidade”. Tratamos como um processo que é demonstrado

a partir de tomadas de decisões, quando algo precisa ser melhorando ou transformado.

De tal forma, é nos processos de Eco-vivências que prosperam em aprendizagens vivas e capazes de serem exemplos para constituir outros espaços sociais, a partir de experiências relevantes, e tornam-se exemplos de recuperação a autoria, a autonomia de suas adversidades na semi-aridez como princípios de vida, podemos dialogar nas cosmovisões orgânicas. “As cosmovisões orgânicas dos povos constituem uma complexa matriz imaginária onde se entretecem as relações humanas com a ordem complexa da natureza”. (LEFF, 2016, p.330).

Por meio dos imaginários é que se definem as cosmovisões que são as tradições, os diversos saberes, as sensibilidades, é a forma como os seres humanos se representam em suas trajetórias, em seu lugar no cosmos.

Por compreender a condição que se encontram diante de sua narrativa nordestina, que os homens e mulheres trilham novos caminhos, novas propostas, nas últimas décadas em novas mudanças tanto de convivência quanto paradigmáticas. Carvalho nos diz em seu pensamento:

A ‘Convivência com o Semiárido’ surge no contexto brasileiro dentro dessa transição paradigmática de superação de uma racionalidade tecnicocientífica (visa à dominação da natureza) para a emergência de uma racionalidade ambiental (visa à prudência diálogo com a natureza). (2014, p. 51).

Entendemos, portanto, que é por meio das cosmovisões que os seres humanos se compreendem e se fazem compreendidos, com seus modos de interpretação, da relação do ser consigo com o seu entorno, uma narrativa é construída dando sentido necessário para a vida.

Assim num diálogo que configura, em persistência, pertencimento, numa perspectiva de convivência com sentido na vida e no cotidiano.

Dessa forma, as **Eco-vivências** são enunciados que se constituem numa “poesia” de Patativa do Assaré, como porta-voz do sertão, detalha de forma precisa a vida do sertanejo, indo do real ao imaginário descrito de forma reflexiva, constituindo um laboratório de conhecimentos onde a prática comunga com a teoria. Patativa desenvolve uma teoria da imagem baseada na ideia de que a poesia é capaz de fotografar as coisas por meio da imaginação. Como ressalta Bachelard (1988, p. 168): “O poeta dá ao objeto real o seu duplo imaginário, o seu duplo

idealizado. Esse duplo idealizado é imediatamente idealizante, e é assim que um universo nasce de uma imagem em expansão”.

O referido poeta registra o próprio fazer na sua escrita, recolhe as vivências na forma mais nítida e objetiva do sertão, de sua gente, de sua civilização e compõe versos que traz a tendência de arejar o homem com o seu mundo. Uma forma de testamento estético, testemunhando a vida nas categorias diversas, a política, na poesia, com relevância para compor o conteúdo e o estudo da paisagem, relacionando no tempo e espaço a história de uma região. Pelos versos, a imaginação cria forma e contribui para a explanação da maneira pela qual percebemos nosso Contexto Semiárido. Vejamos a poesia **“A festa da natureza”**:

Chegando o tempo do inverno,
Tudo é amoroso e terno,
Sentindo o Pai Eterno
Sua bondade sem fim.
O nosso sertão amado,
Esturricado e pelado,
Fica logo transformado
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza
A gente vê com certeza
Que a musga da natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As ave se manifesta
Compondo a sagrada orquestra
Desta festa naturá.

Tudo é paz, tudo é carinho,
Na construção de seus ninho,
Canta alegre os passarinho
As mais sonora canção.
E o camponês prazentero
Vai prantá feijão ligero,
Pois é o que vinga premero
Nas terras do meu sertão.

[...] (Forma original do poema de Patativa da Assaré)

Pensando nos pontos apresentados por Patativa, a reflexão de que tudo é festa, é alegria para os sertanejos e as sertanejas quando chega o período do inverno, um entrelaçar de interpretação do homem com a natureza, de como proceder nas ações, com o plantio do feijão, por ser uma colheita mais rápida, os pássaros todos em cantoria anunciam a chegada do inverno.

É possível compreender que no ‘devaneio poético’ de um poeta sertanejo um quadro vivo de vivências transparece de como é viver no sertão. “Outros sonhos nascem ainda quando, em vez de ler ou de falar, escrevemos como se escrevia outrora, no tempo em que estávamos na escola”. (BACHELARD, 1988, p. 52).

Das riquezas da caatinga que floreira num verdejar, de uma natureza que irradia vida e responde a humanidade de suas particularidades e utilidades para a cosmologia do planeta, na terra, no clima, no ar, segundo Bachelard (1988, p.16) “a poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e o seu mundo”.

Assim então, trazemos para a construção do conceito as idas e vindas sertanejas, de que chamamos de Eco-vivências, é, um saber viver popular, uma voz que traz eco, no pensar, nas atitudes e práticas de homens e mulheres sem voz, abafados, resistentes, persistentes pelas distorções dos prepotentes que pretendem domesticar e manipular a vida de acordo com as políticas que se perpetuam na hegemonia do agronegócio.

As mesmas são estampadas como num mosaico perceptivo de realidades, entrando num novo paradigma de existência dos assentados em estudo, ainda pensamento como nos diz: “os indivíduos interpretam o mundo que os rodeia e agem de acordo com essa interpretação”. (CAPRA, 2002, p. 80). O pensamento de Capra delinea que essa iniciativa é constituída a partir de uma interpretação dos envolvidos na materialidade da existência.

Transformando-se em novas ecologias das produtividades de homens e mulheres sertanejos fortes. Ainda não totalmente gestado, mas almejado, constituindo-se desde o alvorecer de cada dia até quando já se finda com o entardecer de trajetos vivenciados,

Dessa forma, o diálogo de que esse momento é de estarmos num regresso em nossas histórias interligadas a casa no sentido maior Terra, de uma interpretação de que somos interligados nas nossas subjetividades com todo que nos rodeia que para cada condição tem uma condição de interligação de sistemas assim nos diz que um avanço acontece quando dessa feita, dialogamos com o pensamento seguinte.

Agora estamos regressando á grande comunidade planetária e cósmica. Fascina-nos a floresta verde, paramos diante da majestade das montanhas, enlevamos-nos com o céu estrelado e admiramos a vitalidade dos animais. Enchemo-nos de admiração pela diversidade

das culturas, dos hábitos humanos, das formas de significar o mundo. (BOFF, 1996, p.30).

São múltiplas formas de viver, as quais variam e se fundem na realidade ideológica, na cosmovisão dessa gente, a ser uma ecologia de saberes, uma estampada realidade da diversidade sertaneja nos amparamos assim na teoria seguinte: “dando a entender que a linguagem humana, por ser de natureza simbólica, envolve antes de mais nada a comunicação de um significado, e que as ações humanas decorrem do significado que atribuímos ao ambiente que nos rodeia”. (CAPRA, 2002, p.77). Para tanto, não tornar-se mais um saber, mas uma construção de histórias, de significados, em que estará nas condições de realidades. Mas, também, como um viver de oportunidades que se consolidam em conhecimentos que tenha fundamentos da racionalidade moderna, de entender os significados, que nos envolvem, em que será necessário que abandone velhas práticas e comunguem de equilíbrios, que se ajustam de acordo ao contexto da realidade do viver no Sertão Semiárido.

O conceito de **Eco-vivências** é constituído e tecido no mais simples viver sertanejo, é um reinventar, redesenhar convivências que interliga com a natureza, de busca por dignidade, por respeito, é uma recuperação de autoria desconstruída de um lugar de desprestígio por tanto tempo no imaginário social brasileiro, numa emancipação social inteligível com os desafios e as potencialidades que são referentes ao contexto.

Assim diz Gadotti (2000, p. 86) “são múltiplas formas de viver em relação permanente com esse planeta generoso e compartilhar a vida com todos os que o habitam ou o compõem”, as quais se alinham no cotidiano que se situa por meio das relações de trocas, individuais e coletivas no contexto, de busca de sonhos quando partem com o objetivo de conseguir um pedaço de chão, que possa construir um lar, uma moradia digna, apropriação da terra, em que se fundem discursos, se completam em meio um território complexo de densas e tensas, territorialidades.

Para novas incorporações nos valores humanos, e novos conhecimentos epistemológicos, assim nos amparamos nas reflexões seguintes. “parece que agora, quando dizemos “convivência com o semi-árido”, estamos falando, sobretudo, de uma convivência atualizada em função de novos saberes e de novas demandas do mundo atual”. (MARTINS, 2006, p. 73). Desconstruindo o advento de pobres e excluídos, de uma região de clima inapropriado para a convivência interpretado pelo

contexto social, como tantas vezes é visto, compreendido o sertanejo do Semiárido Brasileiro.

Uma nova condição de convivência como bem diz a autora seguinte. “a territorialização da Convivência está em construção, é um processo de afirmação da ideia-projeto, que vai se manifestando através das ações para a água, terra, produção, e uma série de outras demandas”. (CARVALHO, 2012, p.134). Assim sendo, desenhamos como são novos processos de homens e mulheres sertanejos do Semiárido Brasileiros na construção de novas oportunidades de sua existência e sobrevivência dessa forma, então se transparecem a cada novo dia nas conquistas, nas pelejas.

Então as Eco-vivências são postas nas experiências de saberes ecológicos dos processos incorporados à terra com as hortas orgânicas: plantio, quantitativos de dias para a germinação das plantas, as formas de incrementos de manejos nos segredos de construção agroecológicas, para o crescimento das hortaliças. Nas construções significativas que se concretizam fé, nas rezas das novenas do “Santo das causas urgentes”, nas manifestações de caminhadas ao culto por acreditarem numa possibilidade de se alcançar a dignidade e a emancipação humana. As mesmas se revelam em vivências que se qualificam na qualidade de existência da comunidade, ultrapassando o sagrado quando se interligam na política de militância de povos assentados desses fortes sertanejos e sertanejas.

As Eco-vivências faz referência ao território, às práticas e às condutas de que é possível a construção de um padrão de vida digna nos aspectos de vida cotidiana. São construções de uma emancipação política para a população do Semiárido brasileiro, na relação de homens e mulheres com a natureza Semiárida.

Trata-se de uma nova imagem que descaracteriza o Sertão de repulsa de tristeza e de pobreza. As Eco-vivências são, portanto, uma interlocução, uma interpretação de vida, uma transparência de interações que se ajustam na mesma intencionalidade sendo assim “O que sentimos é a urgente necessidade de um pensamento ecológico socialmente referenciado na ecoestética do Sertão”. (MARQUES, 2014, p.77). Um conjunto de sentido sobre as coisas ou as situações que se está em contato, seguindo parâmetros de que o contexto se assimila não somente às coisas físicas e palpáveis, a uma natureza separada do viver humano, mas aos regimes de signos e significados: à cultura, à linguagem, às formas de se

comunicar humanamente, assim se define uma ecologia de homens e mulheres diante de seu contexto do viver no semiárido.

4 DA RESISTÊNCIA À EXISTÊNCIA: AS ECO-VIVÊNCIAS DOS ASSENTADOS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.

Sentir-se pertencente a um grupo ou a uma sociedade é sentir-se enraizado, é ser parte integrante que se apropria da herança e da história de gerações anteriores, reelaborando-as com o que ocorre no tempo presente. (Maria Alice Setubal, 2008).

De conceito à história. Assim, evidenciaremos um pouco do conceito de assentamento. Um processo marcante que veio nos Novos Movimentos Sociais (NMS), como os movimentos de luta pela terra, que de forma emergente tornam-se os movimentos sociais que trazem, em seus objetivos, uma ação coletiva de caráter sociopolítico e cultural que determina, em distintas formas, a organização e a representação de suas demandas.

As reivindicações desses movimentos são geradas de insatisfações que cercam os coletivos de pessoas envolvidas num mesmo cenário, implicado de precárias construções de vida sem moradias, ou estabilização financeira adequada.

Consequências de uma sociedade e suas complexidades e desigual que demarca imposições às classes populares que se tornam as atingidas com as contradições impostas pelo capitalismo desenfreado.

Os desafios que se proporcionam gradativamente são conhecidos ou reconhecidos de globalização, ou seja, uma ideia de progresso, de sucesso no qual as categorias propostas de consumismo intenso e desvalorização, ou as novas formas de relações culturais, são estabelecidas como padrões satisfatórios diante das populações, sobretudo as populações do campo.

Sendo clássico o paradigma da racionalidade econômica resulta na exclusão, na segregação capitalista. Conforme o pensamento a seguir: “a racionalidade econômica dominante gerou formações teóricas e ideológicas que legitimaram os valores do mundo ocidental, como também os meios científicos e tecnológicos que buscam elevar a produtividade das forças produtivas”. (LEFF, 2015, p. 205). Assim, nas complexidades dessa realidade é que populações se organizam, intensificam com propostas de mudanças a novos paradigmas que respondam suas indagações e, dessa transição a novas propostas, os assentamentos se substanciam de novas possibilidades.

No início das tensões e pretensões de lutas, os movimentos sociais pela terra são conhecidos como acampamento. Espaço que se constitui logo após a ocupação

da terra, em barcos de lonas e moradias improvisadas, a espera da desapropriação e consequente formação do assentamento.

Na literatura são registrados esses acontecimentos, os quais podem ser mais bem entendidos: “assim, em diferentes situações número expressivo de trabalhadores que participam de processos de ocupação da terra deixaram de ser acampamento para se tornarem, num momento seguinte, assentados”. (LEITE, 2012, p. 108).

De forma central duas questões são visíveis nas construções características dos movimentos assentados da terra: na primeira, o modelo se apresenta de origens diversas de homens e mulheres que lutam pelo direito da terra, na organização de conquista da mesma do assentamento.

Bem como, nas propostas de mudanças de paradigmas que são inferidas para cada contexto, de acordo com suas particularidades e especificidades.

As lutas dos movimentos de assentados da terra se referenciam por trabalhadores que, oriundos dos espaços rurais, ou vindos das periferias urbanas, buscam um retorno de vida no campo que estejam vinculados nas propostas da Reforma Agrária.

São diversas as modalidades de assentamentos no Brasil, os quais são destacadas e organizados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão governamental que os reconhece como assentamentos, em distintas realidades.

Além dos assentamentos implantados pela autarquia, o Incra reconheceu projetos criados por outros órgãos, como assentamentos estaduais e reassentamento de barragens, para assegurar o acesso dos agricultores familiares às políticas de reforma agrária. O reconhecimento de áreas inclui também unidades de conservação de uso sustentável e territórios quilombolas. (INCRA, 2020).

Os registros do órgão trazem como reconhecidos os movimentos sociais de luta pela terra às categorias citadas acima, em que são diversas, de acordo com a política de reforma agrária, para que se pudesse respeitar e priorizar os diferentes contextos.

No segundo momento, após serem assentados, os camponeses partem em reivindicações incansáveis de lutas de conquista de água, de políticas que tratam dos direitos à educação e diversas outras necessidades e demandas, cujas

implementações são requeridas às ações das políticas públicas oriundas dos poderes públicos. -

4.1 MEMÓRIA IDENTIDADE E HISTÓRIAS

Para entender e compreender dessas demandas sertanejas, das quais estamos num olhar de observante aos assentados da reforma agrária, fizemos um recorte para recontar de suas lidas mais de suas memórias, identidades e histórias por estarem na categoria de povos do Semiárido e que são visíveis a partir de suas novas histórias presentes, num repaginar como podemos denominar as suas vivências.

Por cada ação de coragem, de ousadia, diante de uma sociedade de exclusão, suas lutas na conquista de seu território, perfazendo um lugar de apropriação o Assentamento Terra da Liberdade o qual, ao conquistarem a terra, desejaram logo serem reconhecidos como terra da liberdade, por expressar suas lutas, seus sonhos, por tornar-se o seu território.

Como parte do país que trazem a linhagem de fortes e resistentes, e assim, se formam nas suas coletividades, descobrem suas liberdades nessas conquistas, nessas páginas escritas, se mostram e se afirmam em suas identidades, em seus pertencimentos. Nas suas aparições delimitam novas representações sociais de sertanejos(as) no Semiárido dos dias atuais.

Segundo nos afirma Carvalho, (2012, p. 106), esses sujeitos sociais

emergem novos sentidos sobre essa natureza, destaca-se a corrente da “reinvenção”, mobilizada pelos novos atores sociais que trazem novos agenciamentos para o ordenamento regional/territorial, as novas políticas públicas que surgem e buscam consolidar outra/nova imagem do Semiárido no século XXI.

De acordo com relatos de moradores, ao serem entrevistados, e os registros nos escritos do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Terra da Liberdade, as características dessa população de assentados é de que eram residentes, antes do assentamento, em casas de parentes ou alugadas, e mesmo vindos de outras cidades na esperança de conquistar melhorias de vida.

A maioria das famílias com escolaridade de ensino básico incompleto e com famílias características de cinco a oito filhos. Os mesmos possuem, em média, uma renda familiar mensal de um salário mínimo.

A história dos assentados teve começo a partir do ano de 2001. Por meio do depoimento de um agricultor, o qual é uma liderança nata da localidade, nos apresentou por meio de uma memória de suas vivências, das lutas para a conquista da terra, da água, da escola, coleta de lixo, horta orgânica, durante os anos de 2003 e 2004, período em que ocupavam a terra de forma ainda não legalizada conforme as leis da reforma agrária.

A comunidade deixou de ser acampamento no dia 27 de julho de 2005, efetivando a terra pelo processo da Reforma Agrária, e passando a ser assentamento. Compreende-se que “a emergência dos assentamentos rurais no cenário da questão agrária brasileira é um dos fatos marcantes que caracterizam especialmente o período que vai da década de 1980 até os dias atuais”. (LEITE, 2012, p. 108). Nesse contexto, o Assentamento está situado às margens da rodovia BR 407, km 111, a 20 km de Petrolina, e ali se constituem hoje, uma comunidade de beneficiados do Projeto da Reforma Agrária.

4.1.2 Títulos provisórios e definitivos sobre a propriedade da terra

Por amparo da Constituição Federal (artigos 184 a 190) foi promulgada a “lei da Reforma Agrária²”, em 1993, cuja tessitura era de dispor sobre os mecanismos legais de desapropriação de imóveis rurais que não cumpram com sua função social e pudessem ser transformados em projetos de reforma agrária.

Tanto a Constituição Federal de 1988 quanto a referida Lei, estabelecem que os beneficiários da distribuição de imóveis rurais pela reforma agrária receberão títulos de concessão de uso ou de domínio, instrumentos que asseguram o acesso a terra. Por meio destes dispositivos legais, os assentados da Terra da Liberdade tiveram seus direitos concessivos de uso na data de 28 de junho de 2017.

Firmado entre a autarquia federal (INCRA) e as famílias beneficiárias do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), o Contrato de Concessão de Uso

² Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993.

(CCU) que, segundo a instituição: “o CCU transfere o imóvel rural ao beneficiário da reforma agrária em caráter provisório e assegura aos assentados o acesso a terra, aos créditos disponibilizados pelo Incra e a outros programas do Governo Federal de apoio à agricultura familiar.” (INCRA, 2020a).

Já o Título de Domínio (TD) é um instrumento que transfere o imóvel rural, de forma definitiva, diretamente à família beneficiária. (INCRA, 2020a). Para comprovação desta relação de beneficiários da titulação, consultamos a relação dos beneficiários contemplados do assentamento, na Superintendência Regional do INCRA (na visita realizada).

Esse é um direito garantido pela Lei 8.629/93, quando verificado que o imóvel rural, que deu origem ao assentamento, esteja registrado em nome do INCRA, após ser concluído o georreferenciamento e a certificação do perímetro da área e dos lotes e feito o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Após isso, é verificado, pelo INCRA, se a família assentada está cumprida as cláusulas do CCU, no sentido das condições de cultivar a terra e de pagar a taxa de título de domínio (dividido em 20 parcelas anuais). (INCRA, 2020a).

Além da garantia da propriedade da terra para os trabalhadores rurais assentados, a titulação efetuada pelo Incra contém dispositivos norteadores dos direitos e deveres dos participantes do processo de reforma agrária, ou seja, do poder público, representado pelo Incra, e dos beneficiários, caracterizado pelos assentados. (INCRA, 2020b).

Como parte desse processo legal, surge o assentamento em questão, com uma área total de 1.656 hectares. Porém, desse total do assentamento, apenas 4 desses hectares são irrigados, (40 mil metros quadrados de área de irrigação). A vila³, onde se encontram as residências. Têm uma área de 36 hectares e 3,5 hectares são de área de sequeiro. Ainda possuem 322 hectares de reserva legal, sendo 84 de reserva permanente, e o restante são sobras de terras e estradas vicinais, que dão, aproximadamente, quase 12 hectares. No geral, são 140 famílias beneficiadas e cerca de 440 moradores. Famílias que vivem no coletivo familiar e da comunidade, em regime de solidariedade mútua.

De acordo com Leite (2012), esses aspectos levam à necessidade de compreender melhor o significado e a dimensão que esses novos sujeitos e essas

³ Os lotes de terras das residências são demarcados e cada família possui um no tamanho de 30 por 50 metros.

novas unidades (de produção, consumo, trabalho, moradia, lazer, vida, etc.) passam a cumprir no seio da questão da Reforma Agrária.

É pelo referido legal da lei que estas famílias estão amparados e contemplados com o acesso a terra. Além disso, os moradores receberam um valor de cinco mil reais, em espécie, ao receberem a posse da terra.

Dentre as ações de lutas e conquistas, estava à busca pelo direito ao acesso à água de qualidade, o qual foi conquistado depois, apenas no ano de 2006, juntamente com a iluminação pública.

Antes de ser validado pelos processos da Reforma Agrária, o lugar recebia o nome de “Poço das Éguas”. Foi por meio de reuniões e votação que os camponeses assentados chegaram ao consenso de darem o nome “Terra da Liberdade”. Uma forma de referenciar suas conquistas da terra a uma produção de liberdade para suas novas histórias, inclusive da escola que reivindicaram e, tiveram a conquista a partir de 2009.

Assim como a coleta de lixo, que acontece atualmente uma vez por semana, mas foi um direito conquistado a bem pouco tempo.

São direitos conquistados com base na luta e nas reivindicações dos assentados, conforme conversas e entrevistas. Sempre buscando estarem contemplados aos direitos obtidos por meio das políticas públicas, procurando a igualdade perante a sociedade.

Esses são processos que estão sendo inferidos na história desses camponeses assentados. Numa localidade que tem, como vizinhanças do Assentamento, várias empresas que trazem suas configurações nas pautas do agronegócio, sobretudo na produção de monocultura frutícolas (principalmente uva e manga). Muitos desses trabalhadores, inclusive, servem em períodos distintos como força de trabalho a estas empresas, sobretudo nos períodos de safra em curtos e precários contratos de trabalho.

Em contrapartida, nas perspectivas ousadas pelos camponeses assentados, tentam resistir constituindo um contexto de propostas agroecológicas nos quintais produtivos, na horta orgânica, com uma produção de viver à luz de uma consciência sustentável, em ações\interações de cooperação e vivências coletivas, definidas por este trabalho como **Eco-vivências**.

4.2 UM OLHAR PANORÂMICO PELA PAISAGEM DO ASSENTAMENTO

Observando as paisagens, logo no caminho da comunidade de assentamento e por um olhar perceptivo da observação realizada, vamos construir um olhar panorâmico sobre as paisagens e elementos visíveis na comunidade. Para tanto, entendemos antes que “é geográfico, nesse sentido, aquilo que tem influência sobre a paisagem, como expressão e forma deste espaço”. (CAVALCANTI, 1998, p.97).

Ao inserir-se no cenário sertanejo, que nos tornou tão familiar, evidenciamos vários momentos da possibilidade de empreender uma pesquisa qualitativa por meio da qual mergulharíamos de forma profunda na história, nas crenças, nos costumes, nas tradições, na religiosidade, na cultura, no sentido mais amplo, e na organização social e política daquele povo de resistência de lutas e de conquistas.

Uma trajetória tantas vezes mais revisitada, as paisagens no percurso vão sendo desenhadas aos olhos como de fato é a região, sob a égide da vegetação da caatinga, com arbustos ressequidos em virtude do longo período de estiagem. Nesse sentido, Cavalcante (2010, p.51), diz:

creio mesmo que hoje se possa destacar o fato de ser paisagem o domínio do visível – a expressão visível de um espaço-, o domínio do aparente, de tudo o que nossa visão alcança; o domínio do que é vivido diretamente com nosso corpo, com nossos sentidos- visão, audição, tato, olfato, paladar; ou seja, trata-se da dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade.

No período específico de outubro a vegetação se reveste de cores variadas: o verde se delimita em determinadas árvores, a exemplo do Juazeiro, que se apresentam num verde profundo, Já outras árvores em tonalidades acinzentadas, mas marcantes e exuberantes em suas imagens, as quais nos faz pensar da sua existência tão necessária para a vida no sertão, com suas especificidades e grandezas: Nessa materialidade, “a Caatinga tem possibilitado a criação e recriação das condições da produção material e imaterial da existência no Semiárido Brasileiro”. (CARVALHO, 2012, p.52).

Marques (2014), na sua obra sobre os “Povos das Caatingas: Reflexões sobre conservação da biodiversidade no Semiárido Brasileiro”, descreve o seguinte pensamento: “Com essas especificidades ambientais marcantes o sertão nordestino é profundamente caracterizado pela Caatinga, palavra de origem tupi (caa = mata/floresta; tinga = branca) que descreve o aspecto branco-acinzentado do

bioma”. Assim, a característica marcante da caatinga vai se desenhando a cada novo detalhe que se faz perceptível, como às espécies nas quais se tornam parte do cenário no caminho, etc., bem como quando deixamos os asfalto e tomamos a estrada de chão (vicinal) e, a partir de então, o percurso toma outro rumo: aparecem casas, histórias e vidas.

As moradias vão se tornando paisagens permanentes, em variadas formas e características, as quais se destacam no local e nos proporcionou fazer uma leitura das casas e dos lugares: percebemos muros muito altos em algumas delas, os quais não nos permitiam observar o formato das casas, por exemplo, indicando-nos semelhança à insegurança advinda das cidades movimentadas; já outras transparecem toda sua simplicidade de moradia do campo, trazendo a manifestação da vida, nas plantações de frutas e flores expostas. Essa simplicidade, “essa identidade marca a singularidade da relação desse sujeito com a natureza, expressando sua mundaneidade semiárida pela maneira de existir e sentir ‘ser-aí-no-mundo’.” (CARVALHO, 2012, p.92). E quando adentramos ao assentamento, outras visões marcam suas existências, onde aparecem uns quintais de árvores frutíferas e reinam por todo o terreno. Assim, o local nos traz outras imagens das formas das casas se definem tão exuberantes com alpendres, janelas, e portas marcadas com cores alegres, sempre abertas, demonstrando tranquilidade no *habitat*.

A igreja, templo católico, também se torna espaço marcante na comunidade, desde suas cores amarelas e destacando-se tons sobre tons de um amarelo dourado como acabamento em toda a fachada da mesma. E, ainda, um muro no qual metade do mesmo é construído no bloco de cerâmica vermelha e continuação com grades de metais, uma proteção em torno de todo o espaço.

Na sequência dessa leitura das imagens da comunidade, observamos que duas igrejas existem na localidade, sendo que a de denominação evangélica também com características marcantes nas cores, e formados, a entender lugares de socialização nas coletividades de maneira diversificadas.

Segundo a compreensão de Santos (2014, p.13). “o território (transnacionalizado) se reafirmar pelo lugar e não só pelo novo fundamento do espaço e mesmo pelos novos fundamentalismos do território fragmentado, na forma de novos nacionalismos e novos localismos”.

Um lugar de construção das reuniões da comunidade consiste em um espaço de encontro, de ajuntamento para refletir as ideias, as vivências, os diálogos, na que função pode ser notada nas paredes de cor verde e de cor marrom.

Ainda, por uma leitura de suas materialidades, foi possível observarmos um “espaço reservado para reuniões comunitárias”, contando com alpendre, sem grades, nem cerca de arame, demonstrando ser um espaço, de fato, usado em prol da coletividade da comunidade do Assentamento Terra da Liberdade.

Uma comunidade com muitos espaços abertos, os quais se apresentam nas suas similaridades, onde os moradores estão sempre entrando, saindo buscando fazer histórias. Dessa forma, retratamos, por meio dos versos essas gentes sertanejas, assim diz: Patativa do Assaré(2002, p.235) “aqui do mundo afastado/ acostumei-me a viver/ Já nasci predestinado/ sabendo amar e sofrer/neste meu sertão bravio/nas belas tardes de estio/da chapada ao tabuleiro/eu louvo, adoro e bendigo/o lavrar do cão amigo/ e o aboiar do vaqueiro”.

De cada espaço analisado, a horta comunitária é um cartão postal para a comunidade e de muita exuberância pelas cores verdes evidentes nos canteiros e da visibilidade de pessoas empenhadas trabalhando na produção agrícola nas suas lidas sertanejas e diárias, as quais se completam se transcendem.

Figura 2: Horta comunitária do Assentamento Terra da Liberdade.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Finalmente chegamos ao espaço da Escola Terra da Liberdade. O objetivo da nossa visita ao contexto foi observar o lugar, o qual se mostrou agradável, pois na

constituição do prédio escolar, a escola apresenta um prédio com infraestrutura, conservação apropriada de suas dependências.

Como marca da escola nos deparamos com uma árvore nativa da Caatinga que dialoga no espaço da escola: percebemos que se tratava, pelas características da árvore, de uma umburana de Cambão⁴ e que há muito tempo as relações se entrelaçam entre indivíduo-natureza naquele contexto.

O entender da comunidade é de que é uma espécie chave para a manutenção das abelhas nativas, e comum ainda na utilização medicinal de xaropes para tosse e bronquites.

Um potencial muito rico estabelecendo alternativas de desenvolvimento sustentável, uma vez que a Umburana-de Cambão é uma árvore muito conhecida para os sertanejos e de muita serventia para chás e remédios caseiros. Nesse sentido, “mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais”. (GUATTARI, 1990, p. 25).

São entrelaçamentos que ocorrem entre escola e comunidade e como projeto emancipador que envolvessem comunidade e escola. Nessa relação, se constituem “essas associações a territórios legalmente constituídos evidenciam a influência, no senso comum e/ou no saber geográfico escolar”. (CAVALCANTE, 2010, p. 109).

Logo em seguida, nos dirigimos à secretaria da escola, a convite de um membro pertencente ao espaço escolar. Desse modo, a realidade da escola foi sendo desenhada digamos assim ao nosso entender. Um local onde tem o objetivo de construção de uma aprendizagem significativa, por um desejo dos envolvidos, por parte de gestão, coordenação, professores e demais servidores no então contexto, ao se tornarem os servidores responsáveis pela proposta de trabalho da Rede Municipal de Petrolina.

Nos discursos ouvidos, testemunhamos a rotina da escola, vendo que todos os dias os envolvidos tentam construir processos de aprendizagem relevantes para o viver contextualizado na escola. Segundo também se comprovou na experiência de Freire (1996, p. 80).

⁴ Definida cientificamente pelo nome de *Commiphora Leptophloeos*.

o meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar.

Nesse sentido, observamos como participante da realidade da escola que os envolvidos tentam trazer toda a experiência de um saber popular, detalhando-a na concepção diferenciada de comunidade assentada, autônoma e interdependente.

Podemos assimilar, nas posições dos atores e atrizes sociais locais, o quanto eles percebem o papel da escola na função de instrumento de mobilização e conscientização da comunidade e dos alunos; e momento em que a escola busca desenvolver os seus estudos de realidade, caracteriza-se como a maior riqueza de metodologia da escola, pois, para todos, é o momento em que busca-se compreender a realidade e ao mesmo tempo, juntamente com os alunos, pais, agricultores e professores, levantar explicações para os fenômenos sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais, físicos e químicos ocorridos nas localidades. (REIS, 2004, p.118).

Mas tão logo é visíveis os desafios que dialogam no contexto da escola e que vão fazer parte das trajetórias e itinerários na construção da aprendizagem, a começar pelos alunos que chegam ao percurso da escola vindos por meio do ônibus escolar, vindos de outras comunidades adjacentes.

Muitos vêm das Comunidades próximas: Assentamento Mandacaru, comunidades de Porteirias e Boa Esperança. Chegam sempre fardados, logo descem enfileirados dos ônibus, alguns conversam e sorriem alegres, outros mais tímidos se deixam passar silenciosamente indo direto para a sala de aula. Dessa forma, nos permitiu a partir daquele instante, compreender, ao menos parcialmente, as distintas identidades que constituem os mesmos, principalmente a identidade camponesa:

Este aspecto nos permite fortalecer a ideia de que as pessoas não estão de forma alguma soltas no ar, no tempo, à mercê das eventualidades. Elas estão inseridas numa cultura, num modo de vida; estão ligadas a uma memória, a uma linguagem dotada de sentido prático, a um conjunto de algoritmos com os quais organiza suas interpretações e suas formas de intervenção no mundo; com os quais anima os modos com que produz sua existência. Esta é sua temporalidade, sua existencialidade. (MARTINS, 2006, p.57).

Sem perder de vista o processo rotineiro de idas e vindas dos alunos e das demais pessoas que constituem a realidade da escola trazendo suas imagens de

representações significativas nas suas construções individuais e coletivas ao estar inserido num contexto escola pelas suas atribuições

As experiências se materializam nas vivências nas interações de partes de uma totalidade.

Demonstra que não eventualmente estão inseridos na mesma realidade como o autor descreve anteriormente. Mas de pessoas que se afirmam presentes e interligadas na mesma cultura, nos modos de vida, a uma memória, a uma linguagem própria se tornando participativas na sua existência e na sua materialidade com um sentido prático e objetivo.

A experiência evidenciada na comunidade de assentados Terra da Liberdade, nos revela uma comunidade de povos oriundos dos movimentos sociais de Sem terras do campo, que trazem e carregam consigo, suas representações sociais sejam nos sorrisos, nas falas, no vestir, nos corpos ou no olhar. Pessoas diversas e oriundas de diversas outras cidades, as quais acreditam, naquele espaço, numa nova vida.

A condição de migrantes retirantes e, sobretudo, de ocupantes em lutas por terra, teto, confere ao novo lugar na cidade, no campo e na escola uma experiência, um sonho de uma vida melhor para toda a família, um lugar que materialize esse sonho. (ARROYO, 2012, p. 251).

Portanto, este olhar panorâmico constata o assentamento como um espaço perpetuado por sonhos e realidades concretas e materiais de um viver diferente.

O espaço das ruas, das casas e quintais, da horta e da escola forjam atores e atrizes de experiências significativas em um lugar de fala diz: “nesse lugar estamos a viver de uma forma mais digna, e assim nos realizamos”(depoimento de uma moradora)

A partir da observação-participante descrevemos a paisagem dos assentados da Terra da Liberdade, homens, mulheres, crianças e adolescentes que afirmam suas identidades, suas lutas, suas relações de vidas e de histórias coletivas.

4.3 A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO A PARTIR DA HORTA ORGÂNICA, DOS QUINTAIS PRODUTIVOS E DAS MÍSTICAS.

4.3.1 Itinerários de Eco-vivências constituintes da Horta Comunitária do Assentamento

Tudo teve início quando um grupo de residentes do assentamento se reuniu numa parceria associativa com a Universidade Federal do Vale do São Francisco, professores, alunos e os agricultores, e decidiram descrever uma pauta daquilo que poderiam desenvolver e ocasionar uma resignificação, um reinventar de vidas, processos de inclusão no espaço social por meio de uma renda financeira, uma vez que estavam em posse da terra. Mas sem nenhuma perspectiva de vida.

Em um proceder de resistência, os assentados refletiam naquele espaço de reunião que processos poderiam construir outra história. Nesse pensamento, “os movimentos sociais ao dar tanta centralidade à complexidade das relações entre terra-trabalho em suas ocupações, lutas por outro projeto de campo, estão a escrever outro capítulo da história das teorias pedagógicas”. (ARROYO, 2012, p.98). Dessa feita, os assentados com um saber de suas complexas ontologias de lugar, conhecido como Semiárido Brasileiro, adotaram, a partir daquele momento, uma política de convivência de acordo com as complexidades e potencialidades e as necessidades dos mesmos. Essa é “a ontologia política abre o mundo para a convivência de diferentes racionalidades, para uma complexidade ontológica entre as ordens complexas do Real e do Simbólico”. (LEFF, 2016, p. 282).

Nessa perspectiva, então, decidiram fazer um levantamento, em forma de entrevista para entenderem as especificidades do coletivo do assentamento. Averiguaram, assim, por meio das informações inferidas nesta ação\interação, que parte dos moradores encontrava em idade laboral, mas sem perspectiva de emprego na localidade. Ainda na observação, foi detectado pelo grupo que existia um quantitativo de idosos e jovens sem uma ocupação diária, um tanto ociosos.

Ainda teve um fato que intrigou os entrevistadores: um alto índice de pessoas com depressão na comunidade, de idosos que viviam numa solidão espantosa por não estarem mais na companhia dos seus filhos, os quais partiram para outras

realidades/localidades e, assim, esses idosos já não se relacionavam constantemente.

A partir de todo esse levantamento, com a posterior socialização e reflexão coletiva, os assentados puderam pensar a realidade e emergir-se em uma consciência social crítica e ativa de todo o coletivo. O mesmo se uniram no objetivo de uma ressignificação de vida e de existência: constituir a dinâmica da agricultura familiar, dando seguimento a execução do projeto de implantação de uma horta agroecológica.

Ao passo seguinte, para contextualizar os saberes e benefícios, numa segunda reunião, novamente com os membros da universidade e os agricultores, os objetivos foram diagnosticar as especificidades e potencialidades de construção da horta, visando à produção de alimentos saudáveis obtidos por meio de uma produção orgânica, baseados nos pilares da Agroecologia, iniciaram a implantação da Horta Orgânica. Nesse sentido, “como ciência, a agroecologia emerge de uma busca por superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado, cartesiano, em favor de uma abordagem integrada”. (GUBUR e TONÁ, 2012, p. 60)

Um novo significado nas vivências iniciou-se: desde a escolha do local para a implantação da horta até a efetivação da mesma. Vale ressaltar que o Assentamento Terra da Liberdade está localizado numa região em que prevalecem.

As empresas do agronegócio, como vizinhas aos assentados. Essas empresas, que no caso são diversas, usam muitos processos agroquímicos que, de alguma forma, retornam chegam à comunidade. A agroecologia tornava-se um desafio para os assentados, diante este contraste agroquímico.

Dessa forma, escolheram o terreno em um espaço do assentamento que dificultasse algum processo de irradiação de agrotóxico. Assim, a horta orgânica foi posta num espaço centralizado e afastado dos arredores daquelas empresas vizinhas, envolvendo toda a comunidade, por estar situada no terreno central.

Assim, numa segunda etapa de construção do processo veio à ideia de ampliar os processos de conhecimento, atrelado a linha de produção com responsabilidade ambiental nas bases da agroecologia. Indo da teoria à prática, por meio de capacitações, oficinas sobre a importância da participação e elaboração de projetos, para que o grupo pudesse ampliar as possibilidades de solucionar os problemas diagnosticados com maior autonomia. Esses são aspectos relatados pelos

participantes desta pesquisa e por nós observados durante a execução desta pesquisa.

Dessa maneira, uma moradora definiu em uma entrevista: “pode aumentar nossos conhecimentos através desses projetos. É maravilhoso porque amplia nossa visão para novas possibilidades participativas junto à comunidade”, assegurou a agricultora. A fala da mesma diz da nova forma de compreender seu viver por meio dos conhecimentos contextualizados em parceria com a universidade.

Desse modo, o projeto da horta orgânica comunitária do assentamento localizada na área coletiva, propõe uma visibilidade às famílias do assentamento Terra da Liberdade. O espaço destinado à horta é de aproximadamente um hectare, no qual são cultivados, entre outros, coentro, alface, cenoura, beterraba, espinafre, salsa e manjerição.

Figura 2: Cultivos da horta orgânico-comunitária do Assentamento



Fonte: Foto da autora (2019).

No pensamento de Reis (2004), define-se que a sustentabilidade, enquanto conceito é inferido e posto à realidade a partir das potencialidades e limites do contexto em que se vive. Nesse sentido, da sustentabilidade, a prática agrícola

[...] exige um respeito muito grande por parte da humanidade para saber conciliar as atividades econômicas com o meio ambiente, para que dessa relação, possa se garantir a qualidade de vida e o bem estar da sociedade, tanto no presente, quanto no futuro, pois a ideia de desenvolvimento sustentável estará apoiada na atividade econômica, no meio ambiente e no bem-estar social. (REIS, 2004, p. 69).

Os propósitos de práticas ampliadas em agroecologia nas propriedades dos próprios assentados geram novos padrões para a segurança alimentar e nutricional, evidenciando uma relação de conciliação de interação entre agricultores e o ecossistema, constituindo assim um desenvolvimento sustentável.

Como resultado, as hortaliças são entregues em grande quantidade a comércio da região e feiras livres, além de serem vendidas diretamente aos consumidores que visitam a produção.

Os produtos também são fornecidos a instituições de ensino municipais por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Cada unidade familiar envolvida na ação obtém renda superior a um salário mínimo.

Em tempo, a agricultora entrevistada diz como é feita as escolhas das hortaliças que, por exemplo, fazem parte do cardápio das crianças na escola: “a escolha é feita com muita atenção, um olhar nas folhas, em que devem estar sem manchas, sem marcas, de uma cor vicejante”, a esses processos autora nos enriquece essas práticas ao dizer:

Nesse sentido, a fala de uma assentada coloca a importância da horta orgânica para a comunidade: “além das vantagens financeiras pra gente que lida diretamente com o cultivo, traz visibilidade para o assentamento, sem falar que melhora a qualidade da alimentação de todo mundo, já que aqui tudo é orgânico”.

A mesma participa desta convivência, por isso relatou-nos a forma relevante dos processos existências e humanos e das melhorias trazidas para os mesmos, assim, as relações indivíduo-natureza de homens e mulheres são constituídas.

Esse período da pesquisa nos aproximou mais dos moradores, os quais se apresentaram muito familiarizados com os assuntos da terra, das plantações, assim como o relato da assentada que cuida com dedicação e compromissos dos canteiros.

Ainda nas visitas ao espaço da horta em diálogos com os agricultores e agricultoras jovens que desenvolvem suas atividades. No plantio, pudemos entender alguns processos que os mesmos usam para que de fato suas hortaliças não sejam

contaminadas e, em alguns processos, disseram que usavam a “cerca verde”. Fomos buscar entender do que se tratava esta técnica.

Identificamos ser um processo construído para que as hortaliças não fossem contaminadas pelos agrotóxicos que são usados pelas empresas de agronegócio, as quais se tornaram vizinhas do assentamento. Assim, outras plantações de culturas diversas são feitas de uma forma muito próxima às hortaliças, trazendo-se ainda substâncias que limpam todo o espaço com sua oxigenação.

Nesse direcionamento sustentável, estão ocorrendo às práticas de reapropriação social da biodiversidade da Caatinga pela Convivência tem viabilizado a produção de produtos identitários e ressignificado o saber popular/tradicional da flora e fauna da caatinga apreendido por essas gentes, que estão sendo reeditados com fins econômicos sustentáveis. (CARVALHO, 2012).

4.3.2 Os quintais produtivos: Um caminho de agroecologia nas Convivências sertanejas.

Assim organizamos nossas vidas, procuramos com o plantio das frutas, nova forma de sustentar nossas famílias, nos garantindo uma melhoria na qualidade dos alimentos, uma renda familiar, livres dos agrotóxicos. (Jovem assentada).

O depoimento acima é do assentado, e ao conhecer seu filho que é um dos educandos numa de nossas visitas, é que tivemos a possibilidade de conhecer sua história e de sua família.

Nos relatos desse morador, de sua convivência com a terra, com as plantas, com os animais, por meio da entrevista na escola com os alunos citados acima, as formas de diálogos dos alunos demonstraram muita firmeza na apresentação das minúcias com a natureza e os mesmos.

Então pedimos ao mesmo para conhecer sua moradia, e o mesmo aceitou, nos dirigimos por essa criança moradora aluno do 5º ano da escola Terra da Liberdade até o espaço de sua casa e nos deparamos com um plantio de uva, plantio cuidado pelo pai do aluno, nos recebeu com um acolhimento de sertanejo, nos pediu para entrar e sentar na sombra da casa, no terreiro, e conversamos de

forma em que o assentado nos conta que o movimento existiu para melhorar a condição de vida dos mesmos naquela localidade.

O mesmo relata que trabalhou algum tempo em empresas com o uso do agronegócio, em específico com a pulverização de químicos nos plantios de uva. Mas adoeceu muitas vezes, tendo que se afastar e cuidar da saúde, sempre voltando para a empresa por não ter outra condição de sobrevivência, desde que decidiu seguir outros projetos de vida.

Com ajuda da universidade conseguiu construir o quintal da sua casa, com um plantio rico de uva que prospera sem nenhum uso de agrotóxico. Nos seus relatos disse-nos dos procedimentos que usa para que possa usufruir, com sua família, de belíssimas frutas.

Em momentos de estudo numa parceria associativa com a universidade aprendeu como melhor utilizar a terra, ao conhecer que semiárido como o clima seco muito auxilia para o desenvolver das plantas como a uva.

O mesmo ainda produz suco de uva, totalmente construído num processo artesanal e assim nos relatou: "análises próximas podem ser feitas das lutas por outros direitos como terra, teto, universidade, cidadania, participação, reconhecimento, cidadão, juvenil, direitos da infância e da adolescência, como direitos coletivos". (ARROYO, 2012, p.183).

Na construção desse novo paradigma, das eco-vivências, as narrativas se completam, nas interações entre sertanejos e campos científicos, em parcerias que trouxeram melhorias nas vidas desses camponeses assentados da Reforma Agrária.

Existem muitos outros quintais na comunidade: os mesmos plantam uva, manga, goiaba, mamão, banana, coentro, alface, couve, rúcula, pimentão, pimenta-de-cheiro, tomate-cereja, macaxeira, batata-doce, cenoura, beterraba. Sendo os quintais produtivos e a criação de animais, parte de uma política pública para o campo. Os animais de pequeno porte (caprinos, ovinos e galinhas de capoeira, bois), são também parte de processos de sobrevivência dos assentados camponeses.

Além da entrega dos produtos em programas sociais, as famílias assentadas comercializam a produção diretamente ao consumidor, em feiras da região. Eles também estão se organizando por meio de uma cooperativa dos assentados para buscar melhores alternativas de comércio e preços.

Os espaços integram projetos de convivência dos camponeses assentados com o Semiárido, que tem como foco o desenvolvimento de pequenas áreas de sustento das famílias em volta de suas casas.

Os quintais produtivos têm sido fundamentais para as famílias assentadas no Semiárido, pois proporcionam melhores condições na organização das áreas de cultivos próximas às casas e na inserção familiar dentro dos processos produtivos agroecológicos.

4.3.3 As místicas dos camponeses assentados

Os camponeses assentados nos movimentos sociais da Reforma Agrária, que se unem, se reúnem, lutam, compreendem a mística como situações expressivas da cultura, da arte, de valores, que os auxiliam nas trajetórias constitutivas das experiências edificadas na luta pela transformação de suas realidades sociais, em realizável, seus sonhos, suas utopias em experiências de vidas produtivas possíveis.

As místicas dos sertanejos e das sertanejas não se desvinculam dos mesmos jamais, está na sua essência, na sua consciência, da forma mais intensa possível, é suas esperanças, seu combustível para enfrentar continuamente suas lidas, suas pelejas, suas incertezas, seus desafios proporcionados pelos paradigmas da sobrevivência, imposto por uma sociedade excludente. Dessa forma, “a mística está no sujeito como o calor está no corpo que o mantém quente o suficiente, proporcionando-lhe vitalidade e satisfação”. (BOGO, 2012, p. 474).

Assim, ao interpretarem suas histórias, e ao despertarem para uma nova consciência de existência, é sua mística de militância que evolui, e dessa maneira seguem para novos paradigmas de uma produção de vida produtiva se fundamenta nos seus limites e nas suas potencialidades sertanejas. Lembra-nos o pensamento seguinte:

A mística na militância é como a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. Descubrem as potencialidades das mudanças adormecidas nos contextos sociopolíticos e desvendam, na penumbra dos processos, possibilidades de agregar elementos diferenciadores que impulsionam as mudanças sociais (BOJO, 2012, p.475).

Dessa feita, se expõem esses homens e mulheres aos riscos, as inconstâncias de nenhuma garantia quando determinam suas lutas pela terra, tornando-se fortes sertanejos assentados, nas suas ressignificações inspiradoras, em seus poderes mobilizador, na apropriação de uma nova produção de vida que permeia em suas crenças e valores, de produzir uma vida produtiva, acreditam num novo repaginar de suas histórias, e assim são construções que são inferidas todos os dias nesse contexto.

Com suas criatividades, ressurgem uma autoestima que os leva às ações que se externa a beleza de ser militante, nas suas ações que interligam suas vivências numa nova racionalidade, nas suas interpretações, que existe uma relação entre a terra e relações humanas com as energias cósmicas que nos alimentam e sustentam o nosso ser.

Um processo de evolução espiritual, assim compreendido: “a espiritualidade, ou a vida espiritual, é geralmente compreendida como um modo de ser que decorre de uma profunda experiência da realidade, chamada de experiência ‘mística’, ‘religiosa’ ou ‘espiritual’”. (CAPRA, 2002, p. 73).

Na narrativa de fortes, resistentes, em sua fé constituída a partir de suas militâncias políticas, podemos decifrar de ecologia mística. “a ecologia ganha a acepção de mística quando se volta para o sentido do encontro entre o transcendente e o imanente, entre o noema e o noesis, entre o microcosmos e macrocosmos, entre o ser humano e a sua casa planetária”. (BORGES, 2017, p. 33), nas experiências que se constrói nas novenas de Santo Expedito, na paróquia São João Batista, considerado o santo das causas impossíveis, ou urgentes, trazem seus diálogos de lidas de pelejas, de sacramentado de humildade de ser sertanejo.

Os camponeses na sua devoção para com então essa entidade da igreja católica que acreditam serem ouvidos e compreendidos num religar suas histórias que se materializa nas práticas sertanejas, ao cosmos, transcendem com vitalidade em suas experiências materiais pelas suas referências espirituais.

Ainda dentro do mesmo contexto é constituído a vivência evangélica de alguns outros camponeses se identificarem na igreja evangélica, indo em rituais contínuos aos cultos, um assentado registra em um depoimento sua fala: “é verdade nos momentos de que vou à igreja passo a dialogar nas orações pelo assentamento por todos os moradores, pelas nossas vidas para que possamos viver em paz e

feliz”. Nesse sentido de experiências constituídas entre suas vivências diversas suas coletividades, se narram histórias de fé, de coragem, de constantes desafios vencidos e ainda por nascer.

5 O PROCESSO ESCOLAR-EDUCACIONAL NO ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE: DA ESCOLA COMO DIREITO ÀS PRÁTICAS DE ECO-VIVÊNCIAS

Ao iniciar esse capítulo refletiremos no conceito de currículo. Currículo é uma forma de conceber os conteúdos, uma organização dos conhecimentos, indo para além dos muros das escolas que o usam para instruir, orientar, planejar. Mas, o currículo é algo que precisamos compreender perpassando os conteúdos e as conexões que se interligam nas mais variadas categorias: territórios, territorialidades e identidades.

Nesse sentido, o conceito de Currículo não se restringe apenas ao conteúdo programático, mas também às questões que envolvem classes sociais dominadoras e dominantes, assim como às questões raciais, éticas e de gênero, atingindo as dimensões tanto do cotidiano da escola quanto fora da mesma.-

Isto equivale a dizer, na nossa perspectiva, que, mesmo a partir da enunciação do seu significado etimológico, pode fazer uma primeira aproximação ao conceito de currículo, em cuja definição estão ou devem estar, necessariamente, presentes tanto a perspectiva de planificação sistêmica e ordenada dos objetivos, conteúdos ou competências de aprendizagem, ou seja, a intencionalidade educativa (o currículo prescrito), como a de implementação dos planos de aprendizagem, com a respectiva aferição dos resultados (o currículo implementado, experienciado e avaliado) (VARELA, 2013, p. 12).

O currículo é, portanto, uma organicidade da metodologia pedagógica, para a construção de saberes que dimensionam os trajetos da escola. Nessa perspectiva, da educação escolar, “na construção espacial do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola”. (ARROYO, 2011, p. 13).

Essa estrutura de currículo condensa as práticas escolares, efetivando as formas de aprendizagem, seja pelos processos de avaliações formais, seja nas dimensões de processos das relações cotidianas da escola de modo implícito e explícito.

Podemos refletir, de forma mais acentuada, do que seja currículo com a intenção de ajustar uma definição de um termo que embasa todo um conceito central no campo educativo, e trazer para nossas questões as semelhanças, indiferenças, e assim ajustar uma interpretação de forma precisa sobre o seu significado.

Sendo um campo desafiador, o currículo para os educadores e educadoras, é sempre um processo complexo que requer sempre uma interpretação detalhada e planejada a partir da condição social daqueles sujeitos a serem educados e transformados, não sendo uma atividade simples, que possa ser desenvolvido de qualquer maneira.

Para tanto, há um desafio em seguir nessa perspectiva, de um currículo diferenciado e contextualizado, pois os educadores, muitas das vezes, não estão preparados para esta construção. O currículo possui relevância na prática, mas necessita antes de apreciação e reflexão para se encontrar os melhores procedimentos para alçar sucesso, depende além da formação, de como se delineia as convicções e as histórias docentes.

O mesmo se apresenta como um território sempre em ebulição, muito disputado e que sempre está no centro das perspectivas e discussões dos sujeitos educadores, assim como dos educandos. Muitos acabam entrando nessas tensas discussões não como espectadores ou beneficiários, mas como autores, testemunhas, participantes intensos nesses processos.

A emergência do currículo como campo de estudos está estreitamente ligada a processos tais como a formação de um corpo de 'especialistas sobre currículo', a formação de disciplinas e departamentos universitários sobre currículo, a institucionalização de setores especializados sobre currículo na burocracia educacional do estado e o surgimento de revistas acadêmicas especializadas sobre currículo (SILVA, 2010, p. 21).

Para se pensar o currículo na atualidade é preciso trazermos as mudanças ocorridas nas leis, ou seja, na legislação educacional brasileira. Os currículos estão sendo redimensionados a partir das definições dadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Esse documento da BNCC, que a partir de então passou a ser o norteador da educação brasileira, se evolui na construção dos trâmites de definição dos currículos nas escalas estaduais e municipais. Um documento que se arrastava nas pautas políticas já há algum tempo, mas que foi desencadeado somente a partir da aprovação do Plano Nacional de Educação, em 2014, conforme previsto na Constituição Federal de 1988. Com a aprovação do Plano Nacional de Educação, a BNCC começa a ser discutida e se constituiu em um documento orientador para todas as escolas brasileiras.

O referido documento, que já foi aprovado, está atualmente em período de adequação às redes municipais e estaduais de ensino. As mudanças serão decisivas também para a formação inicial e continuada de professores, assim como nas revisões de material didático e das matrizes de competências das avaliações.

São processos que ainda estão em construção, porém estamos caminhando para uma construção que intensifica um processo único de validade do conhecimento para toda e qualquer realidade do país, seja urbano ou do campo (como a realidade do assentamento estudado nesta pesquisa). Nesse sentido, “caminhamos para a configuração de um currículo não só nacional, mas internacional, único, avaliado e parâmetros únicos”. (ARROYO, 2011, p.13). Por estar numa reflexão de currículo e a compreensão da escola Terra da Liberdade em suas dimensões no interior, suas construções pedagógicas numa perspectiva de Educação Contextualizada para o Semiárido.

Dessa feita, entramos numa reflexão de Educação Contextualizada para o Semiárido ainda buscando nas teorias que trazem as evidências do nosso objeto de pesquisa de que forma são evidenciadas as **Eco-vivências** fazemos um aporte em Freire (1996), Gadotti (2000), (2003), Carvalho(2011). A partir desses suportes das teorias trazemos o sentido do que seja o objeto de pesquisa.

A educação num parâmetro de ação humanização do homem na conscientização de sua essência na construção da existência, que perpassa pelas suas vivências de educador e educando no cotidiano escolar.

Assim sendo, dos sentidos propostos pela Educação contextualizada para o Semiárido, está numa interpretação de convivência para o Semiárido.

Numa dinâmica de entender dos fundamentos de uma Educação Contextualizada nas suas possibilidades de criar a produção a partir de suas realidades.

Assim, as construções de práticas educativas nessas interfaces requer uma definição nítida de sensibilidade e autenticidade pelos envolvidos.

Dessa forma, delineia uma prática que é emancipadora quando o conhecimento é concebido numa transformação de conhecimento em uma consciência crítica, numa possibilidade de construir pessoas mais humanizadas que são capazes de transformar o espaço e a vida nas interações, na contextualização de saber em histórias de vivências significativas de legitimação e autorias. Diz Freire (1996, p.46).”uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é

propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se”.

Essas realidades também de construções que são formas de produção de existências amplas, são também incluídas no contexto das escolas, nas vidas de educadores e educandos, se apresentam de outras maneiras, em desafios de formas diferenciadas para cada situação em que para educar, o educador precisa estar versátil com suas construções de ensinar e educar, assim diante da complexidade da existência a função de educar está também em construções de ressignificações.

Um espaço de muitas perspectivas para que a construção de práticas educativas que estejam numa proposta de viver significativo seja validada, diz Gadotti (2003, p. 22). “o professor de hoje precisa ser um profissional capaz de criar conhecimento”.

Para a continuidade desse pensamento do currículo contextualizado na perspectiva da contextualização de aprendizagem significativa para o Semiárido é relevante abordar um currículo que defendidos nos pressupostos do que seja significativo para o contexto do educando.

Assim ao contextualizar o local da pesquisa o assentamento para a concepção da aprendizagem suscita a ideia de que essa proposta em que a sistematização dos conhecimentos possa ser compreendida como uma reorientação de currículo, ou seja, uma construção que esteja de acordo com as histórias do contexto de assentados e as comunidades que estão inseridas como demandas da escola. A cidadania, diversidade cultural, meio ambiente, saúde, sexualidade, trabalho, as relações pessoais e profissionais que se tornam um conhecimento expressivo.

Aos temas transversais que estão nas vivências, nos valores, na produção da existência, que se evolui nas construções de convivências assim reflete Gadotti (2000, p. 93) “a ecopedagogia insiste na necessidade de reconhecermos as formas(vínculos, relações) são também conteúdos relacionais, as vivências, as atitudes e os valores”.

A construção de um conhecimento que não se limita aos conteúdos programáticos, mas uma cidadania para além do espaço escolar consiste em propostas de alternativas que estejam muito além de ensinar apenas conteúdos.

Mas uma proposta de alternâncias que estejam nas ecologias de saberes integrados, de uma perspectiva de contextualizar a educação dando sentido aos saberes locais interligado aos globais. Em que garantem um diálogo com as estruturas políticas, econômicas, sociais, não apenas numa preservação da natureza, ou aos cuidados nos impactos naturais que se distribuem nas sociedades humanas sobre as construções sociais. Mas numa perspectiva de vida que traz a contextualização de uma ecologia de saberes onde implica quais as construções sociais. Se torna uma proposta de alternativa que há uma mudança de construções sociais, nas estruturas econômicas e cultural que melhor retrata nas dimensões do Semiárido, assim diz Carvalho.

Diferentes movimentos sociais vão encontrar na ideia-projeto de conviver um “lugar” para fincar suas bandeiras. Nesse sentido, a ‘Convivência’ passa a se caracterizar como um guarda-chuva, abrigando as lutas pelo acesso à água, a terra, a uma educação de qualidade e outros. (CARVALHO, 2011, p. 180).

E assim essas bandeiras de lutas estão numa qualidade de viver, que são contextualizadas pelos assentados e suas propostas que de forma ainda em construção inibidas no contexto escola. Mas ao mesmo tempo tão vivaz por suas identidades, território e territorialidades que se interligam com as ressignificações que são construídas em suas propostas de existências no contexto que no movimentos assentados pela terra emergem numa pauta de uma proposta de Educação do Campo.

Dessa feita, na parte diversificada que entram as possibilidades de trabalho pedagógico a partir das características regionais e locais da comunidade onde se vive e trabalha. E assim sendo, foi justamente nas pautas de estudos e reflexões da Educação do Campo, que se prosseguiram às lutas demarcadas no século atual, não aceitando-se mais situações de desigualdades educacionais. A luta pela Educação do Campo ocorre nessa direção. “Por isso nossa luta é no campo das políticas públicas, porque esta é a única maneira de universalizar o acesso de todo o povo do campo à educação”. (CALDART, 2004, p.17).

Esta luta por uma educação diferenciada aos povos do Campo por muito tempo ocorreu de forma improvisada, ou uma adaptação em programas e propostas que apoiavam os movimentos sociais.

Por isso, residem as lutas dos movimentos sociais pela terra, que trouxeram evolução nessa concepção de educação, na qual conseguem que o Estado passe a assumir as demandas. E, partir daí novas formas de educação são inferidas nos contextos do Campo, no sentido do objeto da pesquisa é assumida pelo município. E não mais por propostas não governamentais assim refleti Caldart.

A Educação do Campo tem se desenvolvido em muitos lugares por meio de programas, de práticas comunitárias, de experiências pontuais. Não se trata de desvalorizar ou de ser contra estas iniciativas porque elas têm sido uma das marcas de nossa resistência. (CALDART, 2004, p.17).

Assim definiu-se o paradigma pedagógico e educacional da Educação do Campo, amparado nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo⁵, assegurando o direito à educação no campo, como um espaço de inclusão social, na visão dos direitos educacionais dos povos do campo. No entanto, no contexto escolar referente a esta pesquisa, da Escola do Assentamento Terra da Liberdade, não há a aplicação específica e diretamente deste paradigma de educação do campo. Por isto, a mesma não será objeto aprofundado de nossa análise.

A Escola Municipal Terra da Liberdade foi conquistada pelos assentados, pois os mesmos tiveram que ir à luta para conseguirem conquistá-la. E, ao serem contemplados, a mesma atende ainda apenas as séries iniciais, se reservando apenas a essa condição, continuando com parte das necessidades educacionais dos filhos dos assentados, uma vez que não dão segmento a seus estudos na própria comunidade.

Uma garantia por direito, torna-se um ponto relevante da pesquisa, trazemos a abordagem diante da realidade dos meios educacionais que se conferem aos pequenos assentados que, como dissemos, a partir do momento que devem procurar outros caminhos para construir suas cidadanias, os processos são bem mais árduos. Essa é, portanto, a realidade da escola, em que quando o aluno termina o ensino fundamental I e deverá procurar outra localidade para continuar seus estudos. Outra característica é que uma parte dos alunos da escola já é oriunda de outros assentamentos da região.

⁵ A implementação de tais Diretrizes se deu na Portaria nº 1.374, de 3 de junho de 2003, publicada no Diário Oficial da União em 04 de junho de 2003.

E nessa caracterização da escola que demarcamos por meio do Projeto Político Pedagógico da escola, nosso olhar, os direitos dos mesmos são concebidos pelo documento que regulamenta a escola.

A Escola Municipal Terra da Liberdade, como uma instituição pública integrante da rede municipal de ensino da SEDUC - Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Petrolina, registrada sob a portaria nº 205 de julho de 2015 e Cadastro Escolar M- 653.151. Uma instituição que delimita os saberes que pauta como direito de política aos assentados.

Nas lentes de observar percebe-se que ao buscar socializar e respeitar essas demandas a SEDUC, numa melhor proposta de construção da educação na então realidade, encontra um contemplar infâncias de várias regiões próximas numa mesma escola, uma diversidade cultural, num contexto múltiplo, transforma a escola um lugar de aprender de várias diversidades, e assim fazemos um contorno de suas dimensões.

Diante dos questionários e observações essas demandas se cristalizam com esforço e dedicação tanto professores quanto aluno, pois não é tão fácil para ambos, são afirmados de determinação, dedicação, nas suas capacidades, assim podemos dizer, e nesse sentido as literaturas dialogam que são lugares ainda marcados de muitos preconceitos pela sociedade. Arroyo (2011, p. 61), diz:

Dos trabalhadores em educação e os setores populares, trabalhadores das cidades e dos campos, vêm reações afirmativas a essa infâmia de tantas imagens negativas que pesam sobre eles, vêm a reação e as múltiplas formas de afirmação de sua dignidade.

Dessa feita, suas realidades estão numa luta pela projeção de seus direitos de educação, que são adaptados pelo meio social que os referenciam, ao trazermos os educadores e suas pautas educacionais, são todos com formações curriculares urbanas, vindo boa parte da cidade para lecionar ou desenvolver outras atribuições como gestão e coordenação, ou de outros meios rurais, ao construir suas práticas nessas oportunidades de trabalho procuram se adaptar com as novas demandas que se afirmam os novos movimentos sociais pela terra. Suas interfaces se mostram se afirmam de diversidades e adversidades, são movimentos sociais que mesmo na mesma categoria, tem suas especificidades.

Diante de alguns desafios que são constituídos na escola, a gestão e demais profissionais expõem em suas narrativas pelas entrevistas de três que são os

mesmos que responderam aos questionários, ainda trazemos o discurso de um professor que mora no assentamento e torna-se parte dos docentes da escola bem tempo após a pesquisa já ter iniciado. Formando uma análise num total de quatro professores.

Nas oralidades demonstram os desafios de trabalhar no contexto da escola com todas essas adversidades culturais um diz: “as famílias nem sempre demonstram interesse em saber o desenvolvimento dos filhos, mandam para a escola, mas a preocupação é na bolsa família” (professora- A) assim, a chamaremos, ao relatar isso diz, esse não alinhamento da família com a escola deixa marcas nas construções que interferem numa contextualização de sentido, de significado, de compromisso, a mesma argumenta da ligação entre escola e família que tem sido de inquietações. Em que a educação continua após as rotinas escolares quando o aluno volta para casa.

Os (professores-B) e o (professor-C), complementam em suas conversações por meio das entrevistas, nas suas escritas de respostas no questionários das dificuldades das famílias participarem um pouco mais das rotinas da escola. Assim, relatam ao dizer: “algumas pais demoram meses para vir saber como está seu filho na escola”. Diz: (professor-C), (professor –B), relata “muitos para casa são levados para serem feitos em casa e são no dia seguinte sendo feito pelo professor orientando o aluno porque os pais alguns são analfabetos ou não tem tanto interesse pelas atividades de aprendizagens dos filhos”.

Dessa entrevista ainda podemos ouvir relatos dos desafios ainda entre as realidades da escola de muitas infâncias tantas vezes quebradas nas histórias com representações dos pais que trabalham nas empresas de agronegócio nas roças, e as crianças apresentam dificuldades tanto de aprendizagens como de limites. Se tornando pautas de discussões e planejamentos de estratégias continuadas.

Para a construção da aprendizagem em que possa consolidar uma aprendizagem durante o tempo que a criança estiver no contexto da escola, pois ao terminar a rotina das aulas percebe-se que alguns alunos não se envolvem com leituras e escritas.

Dessa forma, refletiu Arroyo (2012, p. 167). “os coletivos diferentes em seus movimentos mostram que trazem a correção de desigualdades produzidas e reproduzidas em relações sociais, e políticas tão complexas”.

Ao interpretar suas histórias e diante de apresentação das propostas de planejamento da escola, ficou evidente que os profissionais necessitam de mais apoio nas formações continuadas que são determinadas pelas políticas públicas, uma vez que o sistema educacional tem suas referências muito mais inspiradas nas relações urbanas e não se presencia de forma documentada um projeto que trabalhe o protagonismo dos educandos e educadores nas suas construções de uma cidadania.

Na pauta da sensibilidade e da autoria de educandos e educadores do campo, mais aproximadas com as propostas de assentados da terra, ou seja, uma interligação das propostas agroecológicas evidenciadas na comunidade.

As políticas públicas precisam determinar propostas diferenciadas para o contexto, uma vez que as diversidades culturais se tornam multiplicidades, que possam partir de formações que aproveitem as propostas das Eco-vivências nas agriculturas e demais lutas que consagram as produções da existência dos mesmos.

Assim como a escola também nas propostas de planejamento acolher o contexto de riqueza dos assentados com seus projetos de promoção pela vida nas agriculturas agroecológicas, construções de um Projeto Político Pedagógico que referencie esse contexto de interligações, escola, comunidade.

Nas situações seguintes, perguntamos: como trabalham as suas práticas educativas e se há uma proposta de educação contextualizada para o Semiárido que possa descrever com detalhes no contexto da escola? As respostas foram incompletas, ou demonstrando, nas entrelinhas de uma delas, que a profissional já fez em outra escola. Em um dos questionários sabe que deve ser com a comunidade, na terceira apenas com a afirmação “sim”, sem maiores informações.

Assim, não trouxeram uma definição de quais procedimentos são desenvolvidos no contexto de aprendizagens dos mesmos, os quais possam alinhar à contextualização de currículo escolar com práticas uma Educação Contextualizada. Não conseguiram, portanto demonstrar que as desenvolviam.

As educadoras poderiam, neste território rico entre escola e assentamento, desenvolver práticas contextualizadas que envolvessem as categorias de território, diversidades culturais, relações com a terra, o ser humano e a natureza.

Tendo em vista que se trata de uma comunidade onde os elementos existenciais se entrelaçam com a escola e entre os próprios sujeitos. As aulas de geografia, por exemplo, poderiam explorar estes aspectos da própria comunidade.

Assim torna implicadas por esta realidade, a construção de uma aprendizagem melhor desenvolvida. Compreendemos essa realidade conforme na fala seguinte: diz Arroyo (2007, p.159): "as consequências dessa inspiração no paradigma urbano são marcantes na secundarização do campo e na falta de políticas públicas, saúde e educação de maneira particular". Para elucidarmos estes aspectos, entramos no chão da escola para observar e analisar tanto a parte física-estrutural quanto as práticas educativas desenvolvidas no local.

Nesse sentido, ressaltamos novamente que nosso objeto traz a escola do assentamento como ponto de referência para a construção de Eco-vivências, na similaridade com a proposta de uma Educação Contextualizada para o Semiárido, e assim fomos buscar compreender a contextualização das eco-vivências na relação educação e escola.

5.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE

A função da escola, nas atribuições cabíveis, é de conceber o direito a dignidade humana, e para tanto tornar-se um requisito de cidadania que passa a ser afirmado nas concepções de aprendizagem, assim, trazemos no pensamento seguinte, "conceber a educação como direito humano significa incluí-la entre os direitos necessários à realização da dignidade humana".(HADDAD, 2012, p. 215).

Para tanto, trazemos para essa discussão alguns pontos da realidade escolar: conforme o Projeto Político Pedagógico, da educação Infantil aos 1º anos, funciona no horário da manhã; já o Ensino Fundamental I (2º anos, 3º anos, 4º anos, e 5º anos) funciona à tarde. Os horários seguem o 1º turno 7:00 horas, o 2º turno inicia às 12:00 horas, término até o horário de 16:30, alguns desses alunos são oriundos de outras comunidades, conforme já colocamos anteriormente.

Assentamento Mandacaru, Sítio Porteirias, Assentamento Nova Esperança, Fazenda Butiá I e II entre outros lugares próximos. A escola, no ano de 2018, tinha matriculado 199 alunos ao todo, no ano de 2019 teve a matrícula de 175 alunos. Com uma gestora, uma coordenadora, um secretário, merendeiras e ASG, seis professores com carga horária de 40 horas semanais.

A conquista da escola facilitou a vida dos moradores por inserir seus filhos num espaço de aprendizagem, mas com os relatos apresentados no documento do

Projeto Político Pedagógico, retratam suas angústias pelo fato dos filhos terem de se deslocarem para outras localidades para continuar os estudos, para a cidade, ou indo para outras regiões que disponham do Ensino Fundamental II.

Ao dialogar com a questão de direitos a uma educação, e fazendo uma pausa nessa realidade do assentamento, podemos observar que ainda não são respeitados com a legalidade de uma educação de direito para a construção cidadã dos mesmos, quando tem que se deslocar para outras comunidades para continuar seus estudos, tornam-se negados pelos poderes públicos em suas necessidades de educação.

Nas percepções observamos que as Eco-vivências estão em formas inibidas, integradas nas convivências no interior da escola em leituras de imagens silenciosas, assim trazemos o quadro vivo da escola de registros das materialidades nas constatações realizadas.

A começar se encontra presente na organização das salas com ambiências convidativas as leituras, em muitos cotidianos cadeiras e alunos em círculos.

Pela preservação tida com plantas nativas da Caatinga que se mantém no terraço. Do pátio escolar que convida as trocas de experiências nos momentos que consolidam coletivos das aprendizagens. Na organização dos comunicados na secretaria da escola, de suas metas alcançadas nos indicativos educacionais, de seus objetivos de conquistas nas trajetórias desenvolvidas pelo calendário letivo do ano em curso. Com as reuniões de pais, um momento de coletividades, de trocas escola e comunidade, nos planejamentos construídos coletivamente nas trocas de experiências. Na festa da família outro momento de riquezas onde se encontram para trocas de experiências e apresentações que envolve a temática família e escola juntas, Assim, também em momentos de acolhidas no contexto da escola, em que de forma coletivas apresentam diálogos que trazem leituras das questões que permeiam local com global. (período páscoa, folclore).

Foi perceptível o zelo pelos saberes históricos das crianças e todos os sujeitos que do local participam. Assim sendo um lugar das memórias que ali se encontram: as arrumações dos livros, acervos da instituição, armazenados de forma centralizada, permitindo a leitura de alguns títulos nas prateleiras das estantes; no contexto da sala de professores, percebemos ser um espaço marcado pela exposição da mesa, o qual deduz acolhimento, lugar de conhecimento coletivo, de

diálogos, de compromissos, de espaço de definições das construções pedagógicas que são inferidas, ou que são planejadas.

Em relação às construções pedagógicas, aplicamos os questionários entre professores e alunos para entendermos de que forma as práticas são construídas no dia-a-dia. Vamos trazer por partes, iniciando com os professores. Sendo que, dos questionários apresentados, apenas três obtivemos devolutiva (de cinco explicados).

Diante das indagações envolvemos escolaridade, formação, tempo que exerce a profissão de educador, tempo que trabalha na escola, de suas atribuições dentro da escola, suas formas de trajetos para o trabalho, se tinha outra função em outro local, e em relação às histórias pessoais, para sabermos quem eram como profissionais da educação. Ainda trouxemos reflexões de suas concepções pedagógicas, referente sua prática enquanto educador e na sua atribuição profissional no espaço da escola.

Nessa interpretação trazemos as imaterialidades que observamos estarem sendo construídas pelos mesmos, dos três profissionais que veio a devolutiva dos questionários. Nos diálogos das entrevistas e também as escritas nos questionários apresentam em comum, como educadores os três pelo menos um quinquênio, ou deles mais de três décadas como educadores que trazemos nas descrições logo a seguir mais registros de suas experiências tempo no contexto educacional.

Suas formações de professor se deram no currículo urbano, em faculdades públicas. No contexto da escola todos os três em média de três a cinco anos. Os entrevistados então e funções variadas desde sala de aula, coordenação, gestão. As atividades como profissional da educação apenas no contexto da pesquisa. Nas suas histórias são moradores um deles em outra comunidade rural, um no assentamento e outros dois na cidade.

Diante de todas essas indagações realizadas, formalizamos um apanhado da pesquisa. Sendo que os três questionários se apresentam incompletos para uma construção de análise que traga melhor compreensão dos profissionais envolvidos nessas tramas. Mas, indo por parte, podemos dizer que por escolaridade apresentaram já trabalharem a um bom tempo. Ambas formadas em pedagogia, com a construção do currículo no contexto urbano. Dos quatro professores, apenas três efetivadas por meio de concurso público, sendo que a terceira trabalha por meio de seleção contratual temporária.

1° Primeira	Sete anos
2° Segunda	Dez anos
3° Terceira	Trinta e seis anos
4° Quarta	Seis meses

Das entrevistas para análises trazemos um quarto professor que a pesquisa já tinha iniciado e podemos ter um contato mais próximo a partir de ano seguinte. Ao trazemos de suas discussões são profissionais comprometidos com as causas sociais que os envolvem. Porém percebe-se não trabalharem a contextualização de forma mais definida.

Em uma das entrevistas o quarto professor podemos chamar de (professor-D) no seu lugar de fala, demonstra que suas práticas e formas de pensar está numa proposta de promoção da vida, numa construção de cidadania em que pontos de convivência com o Semiárido são relevantes para essa construção significativa.

E segundo o mesmo de que são participantes enquanto educador em suas rotinas com os educandos, dessa construção quando alinham suas leituras e escritas ao dizer em seu depoimento.

Seria talvez acovardar-se, perceber as demandas da comunidade, e não enxergar nos alunos, indivíduos a serem estimulados a autonomia tão Freiriana, bem como a convidá-los a serem partícipes ao processo em prol de uma melhor qualidade de vida para os mesmos. (professor-D).

Nas suas discussões anteriores e a continuação da entrevista o professor observado apresenta suas preocupações nas construções na prática em sala de aula, de um inconformismo por realidades que estão preestabelecidas no contexto da escola. “faço do meu inconformismo combustível, e dos conhecimentos adquiridos vento a impulsionar meus desbravadores mirins a navegar para além do senso comum, e do que a pobreza os impõe “.

Em que retrata por meio de suas palavras, que para acontecer uma evolução nos conhecimentos precisam estar numa consonância de realidade de contexto com seus dilemas e condições postas nas pautas de construção de um projeto de vida que possam expressar suas criatividade e dignidades no contexto do Semiárido.

Assim, as constatações pelos escritos pelas respostas dos três questionários, em relação à formação dos mesmos, são descritas de estudarem em instituições de

currículos urbanos (entende-se de licenciaturas em pedagogia). Assim, não tendo sido profissionalizadas com licenciaturas para escolas do campo, ou mesmo alguma especialização voltada para à realidade das escolas do campo.

Nas respostas de suas histórias pessoais de vida, demonstraram que são profissionais que moram em outras localidades: um deles no assentamento, outra em uma comunidade rural com sua família, e duas outras na cidade. Nesse sentido, conclui-se que este fato de nem serem e nem residirem na comunidade dificulta-os de uma prática educacional mais relacionada com a comunidade. Porém, não devia ser um impedimento, uma vez que poderiam buscar alguma contextualização.

Nessa direção, no contexto da escola como um todo, nos refletiu uma compreensão de que os conhecimentos são produzidos por esses profissionais, mas muitas de suas práticas não são contextualizadas para uma escola de assentamento. Práticas que faltam ser construídas na identidade de uma escola do campo.

Não se trata de propor algum modelo pedagógico para as escolas do campo, mas sim de construir coletivamente algumas referências para processos pedagógicos a serem desenvolvidos pela escola e que permitam que ela seja obra e identidade dos sujeitos que ajuda a formar, com traços, que a identifiquem com o projeto político e pedagógico da Educação do Campo. (CALDART, 2004, p.23).

Nessa perspectiva, as lentes e os filtros da pesquisa nos permitiu desenhar os processos substanciados no dia a dia da referida escola. Conhecer a escola mais de perto significa identificar as estruturas de poder e os seus modelos de organização do trabalho escolar, assim como compreender o papel e a atuação de seus sujeitos.

Nesse sentido, pudemos também analisar os questionários dos alunos: um total de dez questionários que foram entregues para a pesquisa com os mesmos, tivemos à devolutiva de oito. Neste instrumento, solicitamos que os mesmos trouxessem para a escrita: se os mesmos gostavam do ambiente da escola; quais aspectos ou coisas que os atraíam mais na escola; as suas relações com os professores e colegas de sala. Usamos uma adaptação das oficinas da Olimpíada da Língua Portuguesa⁶, sobre produção de texto em sala de aula, intitulado “Lugares

⁶ Oficina 2, da Olimpíada da Língua Portuguesa, sobre produção textual de memórias. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/3171/02maleta_of.pdf.

pra gente morar, lugares que moram na gente” e explicamos o que tinham que escrever ou desenhar, inclusive pensando se gostavam de suas moradias. E, por último, com a seguinte questão: se você fosse um professor, o que você faria para melhorar às suas aulas?

Nas expressões de todas as produções apontaram que gostavam muito da escola, dos professores, e apresentam isso nos seus pensamentos com muita criatividade. Demonstraram suas salas de aulas, colegas e professores, assim como trazem entendimentos do mundo exterior, principalmente em dois dos oito desenhos.

Os alunos repassaram-nos, com suas sabedorias, uma ligação muito forte com a terra e os animais, assim como suas relações com seus familiares, principalmente às avós. No lugar de fala dos mesmos, esses expressam em suas narrativas, seu respeito e admiração de cuidar e zelar da terra, das plantações que são preparadas nos quintais produtivos, por seus pais.

Em uma dessas falas, a criança detalha muito bem como fazer para chegar aos processos de produção agrícola, decifrando a agroecologia que aprendem com o manejo apropriado do solo. Os diálogos que construímos nessa trajetória da pesquisa nos revela um contexto que poderá reverter em melhores práticas seus planejamentos, para que assim, integre o conhecimento prévio do aluno, podendo ganhar relevância, com suas histórias de assentados camponeses da terra, marcados por suas identidades. “E na dimensão da reflexão pedagógica significa discutir a arte de educar, e os processos de formação humana, a partir dos parâmetros de um ser humano concreto e historicamente situado”. (CALDART, 2004, p.15). Ainda de local com o global, através de práticas nos espaços da própria escola, que explicitem um diálogo com a natureza com o zelo e o cuidar do território. Com base nesses requisitos, poderá ser vivenciada uma educação mais contextualizada para com suas realidades.

5.1.1 Eco-vivências de uma aprendizagem significativa: histórias vivenciadas entre linguagens e escritas

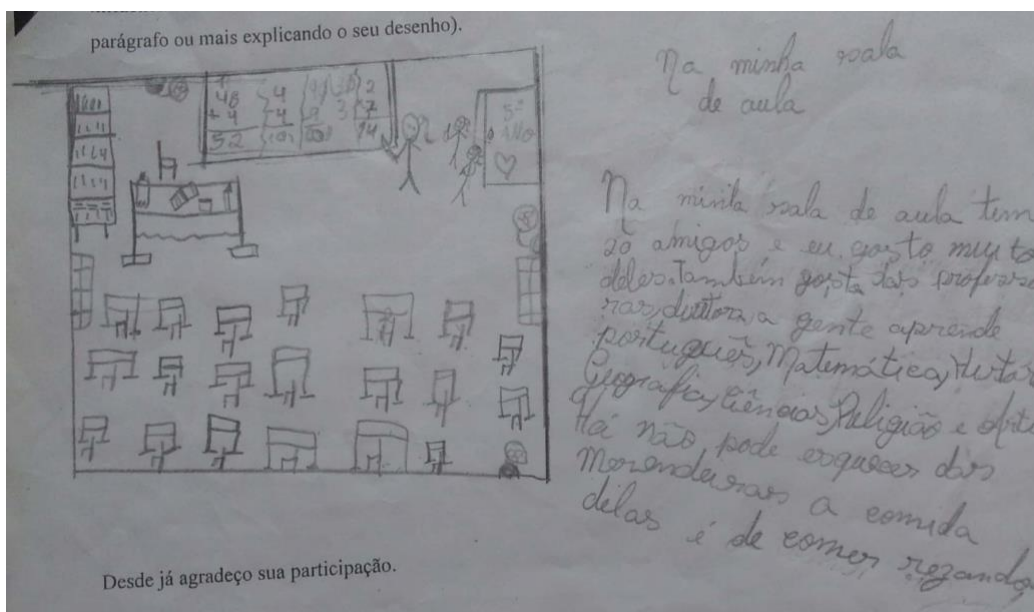
Por meio das realidades de experiências das séries iniciais, ser a base para essas construções, na pesquisa percebemos, por meio das escritas dos educandos, ricas experiências que partem do aluno quando traz para o papel suas escritas, suas

histórias, nas vivências do assentamento. São aspectos ecopedagógicos transparecidos em suas histórias de vivência no assentamento, seja com os suas famílias seja no seu lugar de fala enquanto crianças, sujeitos de seu território escolar e não escolar.

O texto da aluna Flor de Liz (assim a definiremos, a partir de então, para mantermos o anonimato da mesma) nas suas criatividadees, descreve sua sala de aula em forma de escrita e por meio de desenho, a realidade exposta pela mesma demonstra suas construções que são constituídas no cotidiano da sala.

Desenha e diz gostar dos vinte colegas da sala, chama-os de amigos. O seu texto traz ainda a informação de gostar da professora, diretora e de que aprende as disciplinas. Ainda descreve seu carinho pelas merendeiras, uma vez que a comida que as mesmas cozinham é muito legal. A mesma interage de uma forma muito significativa ao apresentar seu ambiente de sala.

Figura 3: Produção da aluna Flor de Liz.



Fonte: Foto da autora (2019).

Nas suas relações com colegas e professores fica evidente a contextualização de sua escola, a qual transparece nas suas escritas pelos espaços da escola. Nesse sentido, as **Eco-vivências** encontram-se presentes nas relações e nas interações entre aprendizagens e vivências com o contexto local.

Diante dessa rica diversidade de saberes, e de práticas, de sentido e de intenções transformadoras e, sobretudo, de sujeitos coletivos em movimentos reinventando Outras Pedagogias, a tradução intercultural-pedagógica poderá ajudar a construir a inteligibilidade recíproca, a busca de convergências e de superações. (ARROYO, 2012, p.159).

De tal feita, a humanização se apresenta muito vivaz nessa interpretação da aluna, pelos traços que internamente são histórias de povos camponeses que trazem suas marcas de movimentos sociais, nas lutas, nas interações, nas socializações. Com uma aprendizagem, que seja significativa e contextualizada, é possível presenciar os traços das dimensões educativas das tramas que compõem os significados valiosos nas relações, seja de admiração seja de entender o sentido de cada coisa e de cada situação.

Já no texto seguinte da aluna Flor das laranjeiras, como a chamaremos também por codinome, há uma descrição, não a questão da escola onde estuda, mas da casa da avó. Ao descrever e desenhar o texto, inferir sua relação das suas convivências com a sua avó e com o lugar, com ambiente, com os animais, passarinhos, pombos, bodes, galinhas, cachorros, etc., Transpõe sua realidade nas relações família e comunidade. Assim, o contexto escola, para além dos muros da mesma, é traçado com suas relações de **eco-vivências** de casa com a natureza e com os animais.

presenciavam as relações de trocas e de interdependências, de respeito, que são construídas entre os mesmos nos dias atuais. A partir das suas relações com a natureza, estes sujeitos estão escrevendo as páginas de suas histórias, as quais foram descritas pelos mesmos, e que as definimos de um novo\outro viver. São as **Eco-vivências** constituídas no seio da comunidade, na horta, nos quintais e principalmente na escola, ao contextualizar os saberes do campo com os saberes da escrita e das linguagens das crianças. Uma convivência com o semiárido com uma autoria e autonomia próprias, mas diversas ao mesmo tempo, de homens, mulheres e crianças do semiárido nordestino e pernambucano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, sobre as Eco-vivências e os processos educativos na comunidade de Assentamento Terra da Liberdade, concluímos que a constituição indivíduo-natureza se dá a partir de uma relação direta com a terra, com as lutas históricas dos assentados e com as diversas **Eco-vivências** desenvolvidas por os sujeitos pesquisados. Eco-vivências estas constituídas tanto nas práticas educativas quanto nos processos de vida produtivos da Comunidade de Assentamento Terra da Liberdade.

Nesse sentido, analisamos as experiências de “Convivência com Semiárido” tanto no contexto escolar quanto no entorno do mesmo, tendo como perspectiva a Educação Contextualizada, assim como as similaridades e consonâncias à Ecologia Humana.

Nesse processo de pesquisa, visualizamos a construção de conceitos e percepções teóricas baseados nos paradigmas e vivências por meio de sinergias entre Educação Contextualizada e Ecologia Humana. É nessa relação, ente comunidade e educação que se constituem as experiências concretas entre indivíduo-natureza, as **Eco-vivências**.

As Eco-vivências, as suas similaridades teóricas, se definem em uma reconfiguração da perspectiva ecológica, fundamentando-se numa racionalidade tanto de mudança quanto de convivência com paradigmas epistemológicos que primam pela qualidade de vida no Semiárido Brasileiro. São também sinergias de um conjunto de ações sociais, econômicas, culturais, educacionais e políticas, assim como pela concepção e afirmação de valores e práticas que visam à igualdade e à dignidade de cada ser humano, tanto individualmente quanto nas suas coletividades.

Assim, a partir disso, investigamos o contexto de vivência dos Assentados da Reforma Agrária, em cada movimento que se apropriaram para conquistarem a terra, a água, a escola, bem como a resignificação dos seus modos de vida, ao buscarem os direitos pelas políticas públicas que asseguram aos mesmos a concessão da terra onde habitam.

Deste modo, a **Eco-vivências** existe na referência ao território, às práticas e às condutas de que é possível a construção de um padrão de vida digna nos aspectos de vida cotidiana. São construções de uma emancipação política para a população do Semiárido brasileiro, na relação de homens e mulheres com a

natureza Semiárida. Trata-se de uma nova imagem que descaracteriza o Sertão de repulsa de tristeza e de pobreza muitas das vezes veiculadas pelas imagens e representações negativas.

Perpassamos, assim, pelas histórias e memórias dos assentados, que afirmam em suas vivências e convivências nas resistências que tiveram início há duas décadas e, nos dias atuais, tem se destacado cada vez mais com a concretude de muitas histórias como esta da comunidade de camponeses Assentados da Terra da Liberdade.

Da referida resistência demarcaram uma existência que se constitui, atualmente, um contexto de propostas agroecológicas nos quintais produtivos, na horta orgânica, com uma produção de viver independente. Na horta orgânica os mesmo construíram Itinerários de **Eco-vivências** constituintes desde uma ideia, um projeto, até a execução de um espaço comunitário e agroecológico de produção coletiva.

Neste sentido, são representantes de uma legitimação dos novos movimentos sociais assentados camponeses, em que elaboram e aplicam novas constituições de vidas, aplicam novas formas nas práticas orgânicas estabelecidas nos plantios da horta e dos quintais produtivos.

A esse novo sentido de integração, de ressignificação desses homens, mulheres, crianças, educadores e educadoras da cidade ou do contexto campo, ao produzirem suas novas ressignificações de acordo com suas habilidades, suas coragens nas suas diferentes interfaces culturais e de gênero, nasce entre os mesmos uma convivência com o Semiárido, que é características propriamente desses protagonistas, dessa história de ser sertanejos e estar sertanejos no seu contexto, nos colocando para pensar e exercitar outros saberes, outras histórias, outras produções de existência.

Descrevemos ainda, os percursos formativos cujos partícipes foram os educadores e os educandos da escola do assentamento, unindo currículo e processos práticos, pautados nas potencialidades e limitações ecopedagógicas das relações escola e semiárido.

A própria escola emerge como um direito dos sujeitos do campo, sendo oriunda também de uma luta, a qual se desdobra da luta pelo direito a terra. No contexto do país, e justamente nas pautas de estudos e reflexões dos movimentos

de luta pela Educação do Campo, que não se aceita mais aquelas situações demarcadas pelas desigualdades educacionais, sobretudo pela falta da escola no espaço do campo.

A Escola Municipal Terra da Liberdade, existente na comunidade do assentamento, foi conquistada pelos assentados, no contexto dessas lutas travadas pela conquista dos direitos fundamentais. Atualmente, mesmo contemplados com a escola, a mesma atende apenas as séries iniciais (Ensino Fundamental I) fazendo com que, ao concluírem estas séries, as crianças tenham que se deslocar a outra escola situada fora da comunidade.

Outras implicações, ainda observadas na pesquisa, foram em relação às práticas educativas dos professores da escola. Nesse sentido, observamos que os professores, em geral, não compreendem da necessidade de desenvolver práticas educativas contextualizadas com o semiárido, com a geografia e a história do assentamento.

No território rico entre a escola e a ecologia do assentamento, os educadores poderiam desenvolver práticas contextualizadas que envolvessem as categorias de território, diversidades culturais, relações com a terra, o ser humano e a natureza. Tendo em vista que se trata de uma comunidade onde os elementos existenciais se entrelaçam com a escola e com os próprios sujeitos que a constituem.

No entanto, na análise dos dados dos alunos pesquisados, nos deparamos com **Eco-vivências** que conformam uma aprendizagem significativa, por meio das histórias vivenciadas entre linguagens e escritas. Estas produções foram de suma importância para o destaque de elementos que permeiam o imaginário e o pertencer dos mesmos, não apenas à escola onde estudam, mas as práticas vivenciadas no assentamento e com os seus familiares.

Destarte, a pesquisa realizada nos revelou, tanto nas observações e nas entrevistas quanto nos diálogos construídos na trajetória, um contexto que poderá ser revertido em melhores práticas, desde os planejamentos até a ação prática, para que assim, seja integrado o conhecimento prévio do aluno com o conhecimento científico, levando sempre em consideração suas histórias de assentados camponeses da terra e marcados por suas identidades.

Portanto, por todos os processos estudados nesta pesquisa, tanto de produções agrícolas sustentáveis quanto de práticas educacionais, inerentes à história e a memória dos sujeitos, concluímos foram estampadas as Eco-vivências, numa

reflexão de como essas relações são propostas de vidas em equilíbrio na semiaridez das vivências das gentes camponesas, nas relações com a natureza, na relação humana, na diversidade, com o planeta, nas suas diferentes qualidades, as transparências mudanças de sentido, para os assentados do movimento agrário.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O BEM VIVER: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução de Tadeu Breda Editora Elefante, publicado em janeiro de 2016.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** 18º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. – 2ª Reimpressão 2013.
- ALVIM, Ronaldo Gomes e MARQUES, Juracy (Org.). **As Raízes da Ecologia Humana.** Paulo Afonso: SABEH, 2017. 230 p.
- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa.** 2.ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 79.
- JESUS, S. M. A. Questões paradigmáticas da construção de um projeto político da Educação do Campo. In: MOLINA, M.; JESUS, S. M. S (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo.** 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2005. Coleção Por uma Educação do Campo, n. 5.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio.** Tradução Antônio de Pádua Danes. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Tradução, Jorge Zahar. Editora: Copyright.. 2003.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências Sociais.** São Paulo: HUCITEC. 1994.
- BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. **Compreensão leitora: o quê, para quê e como.** In: Rodrigo Saballa de Carvalho, Sílvia Juhas, Suzana Schwartz. **A compreensão leitora nos anos iniciais: Reflexões e propostas de ensino.** Petrópolis, RJ: vozes, 2015.
- BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral.** Rio de Janeiro: Copyright Animus/Anima, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade.** Campinas, SP: Versus Editora, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres.** São Paulo (SP). Editora Ática, 1996.

BORGES João José de Santana. **Ecologia Mística**. Juazeiro-Ba: SABEH, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição federal de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

_____. Presidência da República. **LDB – Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 março de 2020.

_____. **Educação Cidadã: novos atores, nova sociedade**. Talher Nacional/ Programa Fome Zero. Caderno de Estudos nº 02. Brasília, 2004.

_____. Ministério da Educação. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf>. Acesso em: 22 março de 2020.

CAPRA, Fritjof. **AS CONEXÕES OCULTAS**: Ciência para uma vida sustentável. Editora: CULTRIX. São Paulo. Tradução Marcelo Brandão Cipolla.

CARNEIRO, Moaci Alves **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo 22. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARVALHO, L. D. **Natureza, Território e Convivência**: Novas Territorialidades no Semiárido Brasileiro. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

CARVALHO, L. D. **Convivência e Cidade**: questões do verde urbano no Semiárido Brasileiro. Luzineide Dourado Carvalho. (Organizadora). Juazeiro-Ba, Editora Oxente, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

CUNHA, Euclides da, 1866-1990. **Os Sertões**. Ricardo Oiticica. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Dicionário da Educação do Campo/ Organizado por Roseli Salete. Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. 2. ed, 2. reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. (org.). **Educação do Campo: Identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: articulação

nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4).

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.1967.

GEETZ Clifford, **A Interpretação das Culturas**. Copyright, Editora Guanabara. 1989

GUATARRI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus,1990.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA).
Titulação. 24 Janeiro 2020a. Disponível em:
<<http://www.incra.gov.br/pt/titulacao.html>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

_____. **Reforma Agrária**. 28 jan. 2020. Disponível em:
<<http://www.incra.gov.br/pt/reforma-agraria.html>>. Acesso em: 03 mar. 2020b.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Viana e Nelson Boeira, 9ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth- 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **A aposta pela vida**: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016

LEITE, Sergio Pereira. Assentamento Rural. CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARQUES, Juracy (Org.). **Ecologia Humana**. Feira de Santana: UEFS Editora. 2014.

_____. **Ecologia do corpo**: ecos da alma. Juracy Marques,- Petrolina: SABEH, 2015.

_____. **Itinerários & Contextos**: Reflexões em Educação Contextualizada e Convivência com o Semiárido Brasileiro: Juazeiro: NEPEC-SAB, 2014.

MARTINS, da Silva Josemar. **Educação Contextualizada**: Da Teoria à Prática. Educação Contextualizada: fundamentos e práticas. Edmerson dos Santos Reis e Luzineide Dourado (Orgs.). Juazeiro-Ba 2010.

_____. **A Materialidade do que somos.** Revista ComSertões: Revista de comunicação e cultura no Semiárido/ Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. v.1, n. 5, (jul/ dez de 2017), Juazeiro-Ba.

MORIN, Edgar, 1921- **Para onde vai o mundo?** Tradução Francisco Morás Petrópolis, 3. ed.- RJ: Vozes, 2012..

NASSER. A. C. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2014.

PORTO-GONÇALVES. **O desafio ambiental.** Emir Sader (Organizador) 3.ed.- Rio de Janeiro: Record,2012.).

REIS, Edmerson dos Santos: **Educação do Campo e desenvolvimento rural sustentável:** avaliação de uma prática educativa. Editora: Franciscana, 2004.
REIS, Edmerson dos Santos: (Organizadores). Edilane Carvalho Teles.
Contextualizar a educação, dar sentido aos saberes. Curitiba: CRV, 20019.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação e convivência com o Semiárido Brasileiro:** Reflexões por dentro da UNEB. Edmerson dos Santos Reis, Maria Luciana da Silva Nóbrega e Luzineide Dourado Carvalho (Orgs.) 2ª edição, - Juazeiro – Bahia: 2013.

REIS, Edmerson dos santos: **Educação do Campo:** escola, currículo e contexto. Juazeiro –Bahia: ADAC/UNEB-DCH-III/NEPEC-SAB. 2011.

RESAB, Secretaria Executiva: **Educação para a Convivência com o Semiárido:** Reflexões teórico-práticas. 2ª Edição Juazeiro\Ba: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro. RESAB, 2006.

RENÉ Marc, da Costa Silva. **Cultura Popular e Educação.** Salto para o futuro. 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós modernidade. 6º edição- São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Um discurso sobre as ciências 5ª edição, editora Cortês, São Paulo.
SANTOS, Milton, 1926-2001. **Da Totalidade ao Lugar.** 1º edição, 3ªreimpressão. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2014.

VARELA, Lopes Bartolomeu. **O currículo e o desenvolvimento curricular:** concepções práxis e tendência. Cabo Verde: Copyright ,2013.